

COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL E A INTERNET

PAULO ROBERTO CAMARGO DE LIMA

COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL E A INTERNET

PAULO ROBERTO CAMARGO DE LIMA

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Instituição Educacional e Formação do Educador

Orientador: Adriano Rodrigues Ruiz

372.3
L732c

Lima, Paulo Roberto Camargo.
Comunicação educacional e a internet / Paulo
Roberto Camargo Lima – Presidente Prudente :
[s.n.], 2008.
77 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE:
Presidente Prudente – SP, 2008.
Bibliografia

1. Educação Superior – Comunicação. 2.
Educação Superior -- Internet. I. Título.

PAULO ROBERTO CAMARGO DE LIMA

COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL E A INTERNET

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação

Presidente Prudente, 26 de setembro 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente – SP

Prof^a. Dr^a. Elisa Tomoe Moriya Schlünzen
Universidade Estadual Paulista - UNESP
Presidente Prudente – SP

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha esposa Ana Regina.
Obrigado pelo seu amor, que é cúmplice das minhas conquistas e dificuldades.*

*Ao agradecê-la dedico esta conquista, pois parte dela foi
possível devido à sua compreensão e companheirismo.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus pela graça de me fazer um ser capaz.

Ao professor orientador, Dr. Adriano Rodrigues Ruiz, que, na rigidez de seus ensinamentos, fez aprimorar meus conhecimentos.

A minha Mãe Cleuse, por ter me ensinado a sempre perseverar.

Ao meu irmão João Paulo, pelo companheirismo e os muitos momentos de alegria compartilhados.

“[...]Não há sabedoria, nem inteligência, nem conselho contra o Senhor[...].”

Provérbios 21:30

RESUMO

A comunicação educacional e a internet

A presente pesquisa teve como objeto de investigação a utilização da internet como instrumental de estudo por parte de alunos do ensino superior. Para a fundamentação teórica recorreu-se ao pensamento de Paulo Freire a respeito do caráter dialógico da educação e a autores que, com esse mesmo olhar, estudam implicações educativas da internet para a construção de culturas de aprendizagem colaborativas e igualitárias, entre eles José Manuel Moran. Quanto à metodologia, foi de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semi-estruturada, no ano de 2007, com os alunos do 4º módulo do curso de Tecnologia em Marketing, de uma IES privada do norte do Paraná. A análise tomou como foco a verbalização dos alunos referente: ao acesso a computadores; às formas de utilização da Internet e seu uso para procedimentos acadêmicos; os sites explorados para pesquisas escolares; o interesse individual em pesquisar pela Internet e os assuntos os alunos já haviam pesquisado na rede. Como resultados, verificou-se que os alunos dispensam maior atenção aos sites de relacionamento Orkut e MSN. No contexto de ensino-estudo-aprendizagem, o uso da Internet se limita a busca de conteúdos para trabalhos propostos por professores e aparece como substituta da clássica enciclopédia. Em decorrência desta análise, é importante ressaltar que tanto o aluno quanto o professor ainda se ressentem de uma melhor compreensão das potencialidades da Internet como ferramenta de colaboração cognitiva.

Palavras-chave: Comunicação; Educação Superior; Internet.

ABSTRACT

Educational Communication and the Internet

The objective of the present research was to investigate the use of the internet as a research tool by college students. For fundamental theory, we turned to the ideas of Paulo Freire concerning the dialogical character of education and authors like José Manuel Moran that have the same outlook that study the educational implications of the internet for the construction of collaborative and egalitarian learning cultures. As for methodology, it was of qualitative nature and had the data collection done by means of semi-structured interviews done in 2007 with the students studying the 4th module of the course of Technology in Marketing at a Higher Learning Institution in the north of Parana. The analysis had as focus the verbalization from the students regarding the following: access to computers, the ways of using the Internet and its use for academic procedures, and operating sites for school research, the individual interest in researching the Internet and the issues the students had researched on the net. As a result, it was found that students provide more attention to the networking of sites Orkut and MSN. Under the context of teaching-learning-study, the use of the internet limits the research of content of work proposed by professors, it appears as a replacement of traditional encyclopedia. From this analysis it is important to point out that both professors and students still suffer in need of a better understanding of the potential of the internet as a tool for collaborative learning.

Keywords: Communication; Higher Education; Internet

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1	- Idade dos entrevistados	49
GRAFICO 2	- Sexo dos entrevistado	50
GRAFICO 3	- Profissão dos entrevistados	52
GRAFICO 4	- Local de uso dos computadores	57
GRAFICO 5	- Utilização da Internet para estudo	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO METODOLÓGICO	16
2.1 O Problema	16
2.2 Objetivos	16
2.2.1 Objetivo geral	16
2.2.2 Objetivos específicos	17
2.3 Metodologia	17
2.3.1 Procedimentos	19
2.3.2 Seleção dos dados	21
3 A EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS	22
3.1 A Internet para a Educação	26
3.2 O Professor e a Informação	33
3.3 Compromissos Docentes que se Renovam	37
3.4 Ética na Internet	40
3.5 O Professor Universitário	43
4 OS ACADÊMICOS E A INTERNET	48
4.1 Caracterização dos Sujeitos	48
4.2 A Internet na Grade Curricular do Curso de Tecnologia em Marketing	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo que oferta uma diversidade tecnológica que aguça nossos sentidos; são máquinas inteligentes que oferecem lazer, comunicação, informação e conhecimento, abrangendo diversas áreas de nossas vidas e que estão presentes em nosso trabalho, em nossa casa, nas escolas, enfim, estão inseridas em nossa realidade.

Não podemos fechar os olhos para essa magnífica evolução tecnológica, pois ainda nos surpreendemos com celulares, máquinas fotográficas digitais, aparelhos de DVD e computadores avançados. Essas tecnologias nos atingem com suas funções, uma vez que permitem comunicação, visualização de imagens e sensações auditivas sem necessidade de deslocamento por quilômetros, ou seja, conseguimos nos comunicar com o mundo em tempo real.

Estamos em uma sociedade que experimenta transformações e, ao sistema educativo colocam-se novos desafios, pois são as tecnologias de informação e comunicação (TICs) que abrem caminhos para conhecimentos e vínculos interpessoais. Nesse universo, vamos considerar a Internet no mundo educacional, uma vez que seu uso permite pensarmos na democratização do acesso às informações e, como conseqüência, em relações educacionais mais favoráveis à autonomia e à criatividade.

Na área educacional, a Internet tornou-se mundialmente popular, e as aulas com lousa, giz, carteiras, lápis, cadernos estão se misturando com computadores conectados à *web*. O professor muda seu perfil, uma vez que as aulas em que os alunos escutam e escrevem o que o professor fala estão sendo transformadas pela interatividade permitida pela Internet e pelo computador.

No cenário docente, as práticas pedagógicas envolvendo os alunos com a Internet requerem um processo de descoberta mútua e de aprendizagem coletiva, principalmente pelo compartilhamento de experiências entre professor e alunos no enfrentamento de desafios científicos, culturais, éticos e educativos. O papel do professor passa a ser o de orientador e de negociador de significados.

Uma escola conectada à Internet e com a participação de professores e alunos ligados aos sistemas de processamento e estocagem de informações nas redes pode flexibilizar a educação. São milhões de pessoas perguntando,

respondendo, discutindo, opinando e divulgando informações em tempo e espaço ilimitados.

Como educador, observo e reflito sobre o cotidiano escolar, principalmente quanto à transmissão de informações e à construção dos mesmos pelos alunos.

Desde a graduação até a iniciação de minhas atividades profissionais como professor, observei a forma com que as metodologias de ensino chegam aos alunos. Principalmente no ensino superior, os professores muitas vezes revelam o hábito de desenvolver sua prática docente utilizando-se de textos prontos, materiais já impressos, o que mostra que ainda existe uma certa resistência à adoção de ferramentas tecnológicas que contribuam para o aprimoramento do ensino e para a facilitação de aprendizagens.

Independente da abordagem pedagógica adotada nos dias atuais, observamos que existem transformações no cenário educacional por conta das tecnologias de informação e comunicação, de forma mais recente, a Internet. Atuando em sala de aula, é freqüente ouvir-se dos alunos como esta ferramenta tornou-se indispensável para o seu cotidiano na busca pelo lazer, pela informação e também pela comunicação. Observei, também, que os alunos fazem uso desta ferramenta no desenvolvimento de suas atividades acadêmicas. Quando precisam, socorrem-se da Internet com o objetivo de pesquisar conteúdos para a realização de seus trabalhos.

Diante de todos esses aspectos, nota-se a importância da Internet voltada para a educação que, cada vez mais, conquista o seu espaço como ferramenta pedagógica dentro do cotidiano, principalmente, universitário. Como afirma Tajra (2008, p. 135):

Com tantas inovações ocorrendo em volta de todos nós, é quase impossível recusarmos participar delas. Entre essas inovações, uma das que mais se destaca é a Internet, a qual rompe as fronteiras dos países e abre um grande leque de oportunidades jamais imaginadas.

No entanto, para que a tecnologia chegue até os alunos de forma consciente e responsável, é preciso que professores se apropriem dessa ferramenta e do desejo de explorar suas possibilidades, pois ela atua como instrumento facilitador e transformador que auxilia na construção do conhecimento.

É certo que a Internet ainda é uma novidade quando comparada com outras formas de informação e comunicação que estão consolidadas em nosso meio educacional. Ela também pode trazer benefícios para a comunidade acadêmica, mas, por outro lado, existem pontos que ainda não conhecemos o suficiente para fazermos uma avaliação. Sabemos que a Internet pode nos ajudar de forma concreta na busca do conhecimento, mas há necessidade de mediações de natureza pedagógica.

Nas escolas, desde a educação infantil até o ensino superior, pesquisar pode ser trabalhoso; a Internet surge como um meio facilitador para a obtenção de conteúdos educacionais. Mas, como o aluno pode obter este conteúdo de forma responsável e construtiva?

Como se encontra a cultura escolar para obtenção de informações de cunho educativo pela Internet? Como está sendo mediada esta prática? São perguntas que fazem parte do contexto que envolve esta pesquisa.

Diante de tantas possibilidades, resolvi realizar este trabalho que visa analisar a utilização da Internet para formação dos alunos, enfocada como ferramenta nas práticas pedagógicas.

Ao atuar no ensino superior, pressuponho que tão importante quanto acompanhar as evoluções sociais, culturais, pedagógicas e tecnológicas é, também, associá-las didaticamente, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

Desde o meu ingresso como aluno do ensino superior, observo o progresso da informática e sua presença crescente em todos os setores da sociedade, fazendo parte do cotidiano das pessoas. Contudo, observei, também, que no meio educacional existe uma certa resistência por parte de professores em utilizarem tecnologias na ação docente. Pode ser que essa dificuldade em aceitar esse instrumento esteja ligada à infinidade de conteúdos e informações que a Internet traz, ou pelos tipos variados de informações. Ao mesmo tempo em que este receio recai sobre a Internet, com relação à sua utilização, perde-se um bom recurso que, se usado criativamente, ampliaria possibilidades de conhecimento.

Durante as aulas que ministro no ensino superior, ouço comentários sobre como os alunos utilizam a Internet, trocam informações por meio de e-mails, MSN e Orkuts. Essas trocas, geralmente, são referentes a músicas, fotos, filmes, eventos e relacionamentos.

A partir dessas observações no cotidiano de sala-de-aula, surgiram indagações de como vem ocorrendo a utilização da Internet pelos alunos do ensino superior. Assim, iniciei minha pesquisa coletando dados e analisando como a Internet é usada como ferramenta por alunos do 4º módulo do Curso de Ensino Superior de Tecnologia em Marketing de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do norte do Estado do Paraná. A seleção deste grupo ocorreu por percebermos que, no ano de 2006, eles foram os usuários que mais freqüentavam os laboratórios de informática e também porque, na época, eram os alunos que mais se utilizavam da Internet, inclusive buscando informações em sala de aula a respeito dos sites que poderiam ser utilizados. Diante das indagações destes alunos, resolvi realizar esta pesquisa.

Assim, o tema “Comunicação educacional e a Internet” foi o que norteou a presente pesquisa, cujo objetivo geral foi analisar a utilização da Internet como ferramenta nas práticas de estudos dos alunos do 4º módulo do Curso Superior de Tecnologia em Marketing, de uma Faculdade particular do Norte do Paraná.

Entendemos que esta pesquisa se justifica por contribuir para a reflexão sobre metodologias praticadas no meio educacional do ensino superior. Sabemos que existem evoluções em nossa sociedade que podem ser transformadas em benefícios para os indivíduos, notadamente quando elas são compartilhadas no meio educacional e, principalmente, no que se refere à utilização das chamadas “tecnologias de informação e comunicação”, em especial, a Internet.

Com a difusão da Internet, ampliam-se as possibilidades de culturas de aprendizagem colaborativas e igualitárias, com forte aproximação entre comunicação e educação. Por isso, para a fundamentação teórica recorreremos ao pensamento de Paulo Freire, a respeito do caráter dialógico da educação, e de autores que, com esse mesmo olhar, estudam implicações educativas da internet, entre eles José Manuel Moran.

A preocupação atual reside em aquilatar a influência que esta tecnologia pode trazer, o que há de benefício para os nossos alunos, em se considerando que o professor é o principal elo desta ferramenta com o acesso a conhecimentos relevantes trabalhados na escola.

A presente dissertação está estruturada em cinco títulos. Após a introdução, apresentamos o percurso metodológico que descreve a natureza da

pesquisa, um estudo de caso que tomou como objeto de análise a percepção que alunos de um curso de marketing têm da Internet como ferramenta de pesquisa e estudos em questões relacionadas à vida escolar.

Na seqüência, é apresentada a pesquisa bibliográfica, com discussão de possíveis impactos que a presença da Internet traz ao cotidiano dos alunos e dos professores de instituições de ensino superior. No quarto capítulo são apresentados os dados e desenvolvidas a análise e discussão dos mesmos. Concluindo, são apresentadas as considerações finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo descreve os passos da pesquisa que teve como objeto de estudo a relação que alunos do ensino superior estabelecem com a Internet, com foco em situações escolares.

2.1 O Problema

Tendo como pano de fundo a percepção das possibilidades educacionais que, pelo noviciado da internet ainda são pouco exploradas, formulamos este problema: Como os alunos do 4º módulo do Curso de Ensino Superior de Tecnologia em Marketing utilizam a Internet como ferramenta de apoio aos seus estudos?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Analisar a utilização da Internet como ferramenta de estudos e pesquisa pelos alunos de um curso de Tecnologia em Ensino Superior em Marketing.

2.2.2 Objetivos específicos

- Identificar a frequência de uso da Internet no cotidiano;
- Analisar as principais situações que levam o aluno à utilização da Internet para a resolução de problemas ligados à sua prática discente;
- Analisar a opinião dos estudantes quanto à contribuição da Internet no seu aprendizado.

2.3 Metodologia

A metodologia utilizada na pesquisa adota uma abordagem qualitativa e recorre a estudo de caso observacional.

O objeto de análise da pesquisa é a utilização da Internet, pelos alunos, como ferramenta auxiliar nos estudos.

Optamos pela abordagem qualitativa em função desta propor um contato estreito e direto com a situação em que os fenômenos ocorrem com certa naturalidade.

De acordo com Ludke e André (1986, p. 11), a “pesquisa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e situação que está sendo investigada”. A pesquisa qualitativa tem o seu lugar na compreensão e na realidade humana vivida, diferentemente do lado quantitativo que busca as soluções por meio da quantificação estabelecida por médias e outros recursos estatísticos.

A escolha pelo estudo de caso tipo observacional deu-se em função das características da pesquisa, ao retratar a realidade e a forma pesquisada, enfocando a população estudada, no caso os alunos do 4º módulo do Curso de Tecnologia em Marketing.

Além dos estudantes, também dirigimos nossas atenções a documentos para ampliar a análise do contexto estudado. Esses documentos foram a grade curricular do curso e o conteúdo programático da disciplina Informática aplicada ao Marketing. A partir da coleta de dados, da observação e da entrevista

aplicada, pudemos realizar uma análise detalhada de como ocorre a utilização da Internet como ferramenta pedagógica nos estudos dos alunos. Ludke e André (1986) destacam que um “princípio básico desse tipo de estudo é que, para uma apreensão mais completa do objeto, é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa”

Minayo (1992) considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga, também, a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou objetos sociais apresentam.

Ademais, a pesquisa qualitativa se preocupa em trabalhar um universo diferente da pesquisa quantitativa. Ela se baseia em um espaço mais profundo quando estuda os fenômenos que não podem ser simplesmente deduzidos.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Os dados coletados são predominantemente descritivos.

Na pesquisa qualitativa a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador.

A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e a amostragem visa abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

De acordo com Santos Filho e Gamboa (2002), Dithley trouxe uma importante crítica ao paradigma positivista aplicado às ciências sociais. Enfatizou que o objetivo das ciências sociais deve ser a compreensão e não a busca de leis para explanação e predição.

O objetivo desse estudo da sociedade, segundo Dilthey, é adquirir uma compreensão do individual ou do tipo. Nesse sentido, os estudos humanos deveriam ser descritivos e não explanatórios em sua intenção; e o verdadeiro propósito das ciências sociais consistiria na tentativa de buscar uma compreensão interpretativa.

Enfim, a pesquisa qualitativa está preocupada com a ciência social, ou seja, o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social e o tema abordado nesta pesquisa têm o condão de se preocupar com o valor embutido por um determinado grupo de pessoas a uma questão educacional que pode abrir

possibilidades de inovações significativas no modo de se conceber ensino e aprendizagem.

2.3.1 Critério de seleção

Os sujeitos da pesquisa foram um grupo de 19 alunos do 4º módulo do curso de Tecnologia em Ensino Superior em Marketing de uma faculdade privada do Norte do Paraná.

A escolha dessa turma se deu pelo fato de, nos anos de 2006 e 2007, terem sido esses os alunos que mais se utilizaram do laboratório de informática da faculdade. Outro fator importante que influenciou na seleção da turma foi o espírito colaborativo demonstrado por eles durante conversas preliminares; sempre que solicitados foram receptivos, o que culminou com o interesse deles em serem sujeitos da pesquisa.

2.3.2 Procedimentos

O passo inicial foi o diálogo com a direção da IES para obtenção da autorização para a realização da pesquisa com seus alunos do 4º período do Curso Superior de Tecnologia em Marketing e com a apresentação do projeto a ser desenvolvido.

A seguir, obtida a autorização, foi apresentada aos discentes a proposta de realização de uma pesquisa a respeito de como os alunos do ensino superior utilizam a Internet como ferramenta de apoio aos seus estudos. Explicamos que a pesquisa era importante tanto para os alunos quanto para os professores, pois o tema estava intimamente ligado com o cotidiano, e que a participação deles contribuiria, significativamente, para o aprofundamento de conhecimentos.

Diante da solicitação feita, os alunos concordaram com a realização do que foi proposto, primeiramente, a apresentação de um projeto piloto e posteriormente, a realização da proposta definitiva com a entrevista final.

O projeto piloto foi composto de um instrumento de entrevista semi-estruturado, na forma de depoimento, constando de algumas indagações, quanto à faixa etária dos entrevistados, à situação econômica, incluindo, também, perguntas abertas relacionadas com o uso do computador como ferramenta pedagógica.

Logo após a aplicação do piloto, passamos a estabelecer um contato mais freqüente para desenvolver um processo investigatório com a finalidade de determinar o que acontece no contexto a ser pesquisado, no caso em tela, os sujeitos envolvidos na pesquisa. Para alguns alunos a proposta era nova. Mostraram-se preocupados com o fato de terem que responder as perguntas sobre como utilizavam a Internet.

Pudemos registrar, a partir de relatos, que a turma no começo de suas atividades acadêmicas era composta por 32 alunos. No momento da pesquisa freqüentavam as aulas somente 19. Os entrevistados relataram que a desistência de 13 colegas deveu-se ao perfil do alunado, pois muitos trabalhavam e, frequentemente, chegavam atrasados para assistir as aulas, perdiam conteúdos programáticos e, por isso, não se situavam nas disciplinas. Por outro lado, foi relatado que a principal forma de organização de trabalho em sala de aula era em grupos; pelo fato de ser uma sala com apenas 19 alunos, os professores podiam utilizar-se de trabalhos mais dinâmicos.

Após essa fase, passamos à entrevista, efetivada por meio de depoimentos individuais. Nesse momento, com a utilização de um instrumento semi-estruturado, o objetivo foi identificar o perfil da população quanto às características etárias e socioeconômicas; do mesmo instrumento constavam também as seguintes perguntas:

- Como você usa o computador?
- De que forma você usa a Internet?
- Você utiliza a Internet para procurar conteúdo para trabalhos escolares?
- Que *sites* você utiliza para pesquisar trabalhos escolares?
- Se o professor fala algo na aula que desperta bastante interesse, você procura se aprofundar na Internet?
- Quando tem prova, você recorre à Internet para se preparar?

A pesquisa teve como foco principal a análise da utilização da Internet pelos alunos, ou seja, de que forma os sujeitos utilizam-se da Internet para realizar seus afazeres acadêmicos.

2.3.3 Seleção dos dados

Para análise foram estabelecidas três categorias: familiaridade com a Internet; utilização dessa tecnologia em situações de estudo; a percepção da Internet na estruturação do curso.

Uso da Internet: com esta preocupação pretendeu-se verificar a familiaridade dos alunos, no cotidiano, da Internet como ferramenta de comunicação e informação.

A utilização da Internet em situações de estudo: esta categoria é a mais significativa da pesquisa e teve como propósito analisar a inserção da Internet no contexto de ensino estudo-aprendizagem que envolve, necessariamente, alunos e professores.

A percepção da Internet na estruturação do curso: pretendeu-se verificar se a utilização da Internet como tecnologia de comunicação e informação despertou interesse especial quando da organização do curso.

No capítulo a seguir, apresentaremos o marco teórico utilizado como suporte para análises e discussões das informações obtidas a partir das entrevistas e, também, dos documentados citados.

3 A EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS

Na atualidade, é crescente a interpenetração entre a informação, o mundo do conhecimento e o da produção. Os equipamentos eletrônicos de comunicação estão diariamente na escola, na casa e na comunidade. Neste contexto, Libâneo (2007) apresenta a tríplice responsabilidade da educação pública:

- ser agente de mudanças, capaz de gerar conhecimentos e desenvolver a ciência e a tecnologia;
- trabalhar a tradição e os valores nacionais ante a pressão mundial de descaracterização da soberania das nações periféricas;
- preparar cidadãos, capazes de entender o mundo, seu país, sua realidade, e transformá-los positivamente.

A escola vê-se diante do compromisso de promover os conhecimentos e competências de seus alunos, com docentes aperfeiçoados nos saberes. O professor precisa aprimorar sua capacidade de visualizar o contexto escolar na sociedade atual e refletir, agir de forma que abra as portas para enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

As tecnologias, das mais simples às mais sofisticadas, ampliam o potencial físico ou intelectual das pessoas. Quando aplicadas à educação têm por objetivo alargar as possibilidades de professores e alunos diante dos desafios de ensinar e aprender. São muitas as ferramentas de que o professor pode dispor para desenvolver suas aulas. Dentre o leque de opções, podemos apontar o livro didático; os jornais e as revistas; o acervo bibliográfico; os laboratórios; os recursos audiovisuais; e, em nossos dias, computadores com *softwares* educativos ou conectados à Internet.

As transformações tecnológicas, cada vez mais aceleradas, são a marca registrada da nossa época. Celulares com *browser* de Internet, computadores extremamente sofisticados, equipamentos que parecem saídos de filmes de ficção científica, as inovações apontam para um fenômeno amplo e sem volta: estamos na Era da Informação.

Não bastassem as evidências proporcionadas pelas recentes transformações mundiais, a implementação e o controle das tecnologias de

informação e comunicação, numa perspectiva cada vez mais integrada, nos levam a pensar em sua importância no contexto sócio-educacional e cultural como ferramentas de apoio que favorecem a produção de sentido e a construção de identidades entre pessoas, grupos, organizações e povos.

Numa perspectiva mais ampla e global, a informática e a comunicação aliadas ao sistema educacional são fundamentais para a democratização da sociedade, ao abrirem amplas portas ao diálogo e às relações igualitárias. Como argumenta Freire (1977), a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Freire (1977, p. 65) explicita essa idéia:

O mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano. A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. [...] Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo. A relação gnosiológica, por isto mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto.

O aspecto democratizante da informática reside no acesso e na socialização de informações, compartilhadas a partir de diversos ambientes. Assim, a educação não pode escapar da fascinação tecnológica, porque é, no fundo, a mesma do conhecimento.

Nessa linha de pensamento, Martin (1999) afirma que o modo de apreender com a Internet tem implicações tanto para os professores quanto para os alunos. Talvez estejamos vivendo uma mudança de paradigma na relação do ser humano com o conhecimento por ele produzido. Uma das transformações imediatas na relação das pessoas com a possibilidade de conhecimento é o sentimento de desorientação diante da profusão de informações. Quais considerar? Como organizá-las? Como desenvolver uma postura crítica? No ciberespaço é comum as pessoas se sentirem desprovidas de meios para lidar com tanta informação.

É importante a discussão sobre o impacto das tecnologias de informação na relação dos aprendizes com o conhecimento no processo de ressignificação das múltiplas informações, o que implica discutir o impacto da

Internet na formação das individualidades. Surge a necessidade de se discutir a educação como um todo e, depois, sobre o delineamento de suas facetas, abrindo espaço para novos modos de educar, degustando a liberdade e, finalmente, o florescimento de aparatos que vieram para inovar as formas de se tratar o conhecimento.

Nesse contexto entra o professor, pois, como destaca Savater (1998), a mais nobre das profissões é a de educador, o grupo mais esforçado e generoso, mais civilizador dentre todos nós. O fato de ensinar a nossos semelhantes bem como de se aprender com eles é o plano mais importante para a intermediação de nossas relações humanas, o que faz com que o diálogo sobre conhecimento se perpetue de gerações a gerações, transformando-se em eixo importante da humanidade.

A função de ensino é tão peculiar quanto qualquer outra de nossa vida, como diz Savater (1998), as crianças têm o poder de fazer isso, quando inventam brincadeiras, jogos, e transmitem umas para as outras; o jovem ensina como aprendeu; o velho ao neto, a arte de seu conhecimento, com medo de que se perca com a modernidade, e o neto ensina o que é moderno. Enfim, a sabedoria tem forma própria de temporalidade de ser ensinada aos homens.

Apreendemos a ensinar e constatamos que de uma certa forma, estamos sociabilizados pelo ensino e, por outro lado, a forma de ensinar é tão simples que esquecemos que precisamos nos profissionalizar para a educação.

Então, como podemos administrar todos esses elementos ainda mais com a profusão de tecnologias que estão a serviço e ao belo prazer de crianças, jovens e adultos? A responsabilidade dos educadores é com o diálogo construtivo, não objetivando somente processar informações, mas comprometidos em discutir o significado das informações. Diante do mundo repleto de inovações tecnológicas o desafio pode estar em aproveitar as informações sem que se contamine a realidade factual.

A velocidade com que essas informações chegam para as pessoas, via Internet e outros meios de comunicação, veio transformar o mundo educacional e fez com que a parte educadora ficasse em alerta e tivesse uma nova postura no sentido de como administrar todo aparato das tecnologias de comunicação e informação.

Mesmo que não tenhamos tecnologias de última geração, podemos propor processos participativos e investigativos. Significa que o aluno pode pesquisar e assumir postura ativa como usuário de informação e o professor, em um processo de envolvimento constante, assumirá a postura de mediador.

A aula expositiva ou ilustrativa continuará a existir para contextualizar, para estimular a pesquisa, propor questões e situações em que haja compartilhamento de buscas e de resultados. Perde o sentido a ênfase na transmissão e repetição, características daquilo que Freire (1983) chamou de educação bancária.

Vale a pena lembrar que há uma escola indesejada. Por exemplo, não podemos mais nos apoiar na escola autoritária, com professores repetitivos, sem propostas inovadoras para o conhecimento acadêmico. Diante disso, é necessário refletir e buscar ampliar nossa percepção do que é uma escola democrática.

Outra dimensão indesejada é apontada por Levy (1993) ao afirmar que a escola “há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão”. A isso se acrescenta que há IES, que no afã de buscar o sucesso imediato, com projetos basicamente estruturados em *marketing* e lucro fácil, pouca atenção dispensam à formação de seus alunos.

Voltando as atenções ao desejável, a principal função pedagógica será transformar uma parte das aulas no processo contínuo de pesquisa e comunicação, equilibrando o planejamento com a criatividade, ou seja, a aula não poderá ser totalmente solta, tampouco amarrada. Planejar as aulas e, ao mesmo tempo, construí-las como processo participativo será a função primordial do professor.

Enfim, à vista de todas as interrogações e incertezas, estamos aprendendo a buscar um mundo contextualizado. A educação de ontem e a de hoje conservam algumas semelhanças, mas a forma de educar, em um mundo tão diferente, preocupa a sociedade contemporânea. A interação surge como uma idéia central.

É importante ressaltar que quando falamos em interatividade estamos supondo o exercício da autonomia no sentido de tirar a exclusividade da sala de aula como espaço de aprendizagem e torná-la um ato de independência. Deve-se estar atento às teias de interações que se constituem nesse processo, juntamente com a

cooperação que se possa/deva estabelecer entre alunos e professores em grupos de trabalho nas redes de cocriação que buscam avaliar a informação e ampliar a comunicação.

A concepção dialógica de Freire (1977, p. 78) aponta horizontes para que o processo educacional se aproprie dos meios tecnológicos, principalmente da Internet.

A educação como prática de liberdade é uma situação verdadeiramente gnosiológica, envolve o ser humano que apresenta uma cultura, que não deve ser excluída na busca do conhecimento. E na relação educador-educando, o processo do saber ocorre através do diálogo, que os coloca em forma linear, e não dispensa as experiências da vida do aluno.

Uma educação voltada ao diálogo encontra na Internet uma ferramenta que pode ser utilizada como mediadora, que permite alcançar diferentes realidades, construir hipóteses, discutir, colaborar e solicitar colaboração, negociar significados.

3.1 A Internet para a Educação

A Internet tem revolucionado o mundo das comunicações como nenhuma invenção foi capaz de fazer antes. A invenção do telégrafo, telefone, rádio e computador prepararam o terreno para esta, nunca antes havida, integração de capacidades. Ela é, de uma vez e ao mesmo tempo, um mecanismo de disseminação da informação e um meio para colaboração e interação de pessoas, independentemente de suas localizações geográficas.

A Internet é um grande conjunto de redes de computadores interligadas pelo mundo, integrando e viabilizando a conectividade do tipo de máquina que seja, podendo, assim, os usuários a ela conectados usufruir de serviços de informação de todos os tipos; dentre eles podemos citar, política, educação, esporte, lazer, enfim, uma infinidade de serviços que constituem uma grande enciclopédia virtual.

A internet surgiu a partir de um projeto da agência norte americana Advanced Research and Projects Agency (ARPA), objetivando conectar os

computadores dos seus departamentos de pesquisa. A Internet nasceu a partir da ARPANET, que interligava quatro instituições: Universidade da Califórnia, LA, Santa Bárbara, Instituto de Pesquisa de Stanford e Universidade de Utah, tendo início em 1969.

No início da década de 80, redes de computadores de outros centros de pesquisa foram integradas à rede da ARPA. Em 1985, a entidade americana National Science Foundation (NSF) interligou seus supercomputadores do centro de pesquisa a NSFNET e, no ano seguinte, entrou para a ARPANET.

A ARPANET e a NSFNET passaram a ser as duas espinhas dorsais de uma nova rede que, junto com outros computadores, se tornaram a INTERNET.

A partir de 1993 nos Estados Unidos, a Internet deixou de ser uma instituição de natureza apenas acadêmica para ser explorada comercialmente.

Inicialmente, a Internet surgiu da forma mais singular através do correio eletrônico (*email*), só a partir de 1980, é que passou a gerar imagens gráficas na grande rede.

Como esclarece Tajra (2008, p. 140), o WWW (World Wide Web) é uma grande teia que interliga várias mídias (textos, imagens, animações, sons e vídeos), simultaneamente, formando um imenso hipertexto. Esse serviço é composto pelas páginas, também conhecidas como home page, site, ou simplesmente Web. Para acessar o WWW, é necessário possuir um programa de navegação, conhecido como browser.

No Brasil a Internet, só foi chegar em 1992, por iniciativa da Rede Nacional de Pesquisa, que tinha como foco interligar as principais universidades e centros de pesquisa do País. Além disso, foi utilizada também por algumas organizações não-governamentais, já para uso comercial, só foi liberada, no Brasil, em 1995.

Contudo, a Internet repercutiu rapidamente pelo mundo; quase diariamente diversos setores tomam decisões apoiados pela Internet, com reflexos importantes nas áreas de finanças e educação. A Internet é um recurso extremamente útil e possível ao custo de uma ligação telefônica local, sem pagar passagens aéreas, sem congestionamentos no trânsito ou custos de hotelaria. Basta termos um micro conectado à linha telefônica e um modem que estará associado a um provedor.

A Internet é considerada uma biblioteca universal, pois possui um fantástico acervo de informações, disponíveis na rede. Nela podemos encontrar conteúdos de todas as formas, que variam de textos confiáveis e recomendados, a textos de confiabilidade duvidosa. Como salienta Tajra (2008, p. 145):

A Internet pode ser comparada com uma banca de revistas nas suas devidas proporções. Por exemplo: o que acontece quando damos algum dinheiro para nossos filhos e eles vão a uma banca de jornal, e em vez de comprar uma revista com material impróprio, eles compram revistas, jogos, histórias em quadrinhos ou assuntos diversos?

Estas questões fazem parte da educação. Não basta somente buscar a informação, mas é necessário, também, que se analisem os resultados dessa busca. É fato que a Internet é caracterizada pelo grande volume de informações que podem ser distorcidas por aqueles que informaram. Cabe aos pais aprender a criar estratégias pautadas no diálogo e na pergunta para conviver com esta realidade.

Quando uma criança nasce ela aprende a dar os seus primeiros passos e, conseqüentemente, a realizar outros atos, como aprender a falar, ler, escrever, enfim, é orientada primeiramente por seus pais para a seqüência da vida. No mundo escolar, cabe aos educadores prover seus alunos de alguns critérios básicos para interrogar o mundo circundante, com o objetivo da inserção em uma cultura mais crítica e mais preparada para fazer escolhas e verificar se são corretas.

A idéia de modernidade da Internet fez com que recursos tradicionais, como enciclopédias e revistas, ficassem um pouco de lado quando se fala de coleta de informações para trabalhos escolares. Por isso, é importante ressaltar que se utilizar da Internet não significa excluir as demais mídias, impressas ou audiovisuais.

Moran (2000) lembra-nos que com a Internet podemos modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender, encurtando os caminhos que buscam a pesquisa e o conhecimento. Ela é uma fonte poderosa quando utilizada para pesquisa, no âmbito acadêmico, com orientação do professor.

Existem algumas dicas que são necessárias para uma pesquisa virtual. Tajra (2008) aponta estas três, relativas aos propósitos visados pelo professor:

- Em uma pesquisa livre, o professor vai ao ambiente de informática com o intuito de promover uma navegação sem um foco específico;
- Se a pesquisa for direcionada pelo conteúdo, o professor solicita aos alunos que realizem uma busca sobre um determinado assunto sem definir ou sugerir *sites*;

- No caso de ser direcionada pelo conteúdo e *site*, o professor solicita aos alunos que realizem uma pesquisa sobre um conteúdo determinado e nos *sites* específicos já analisados por ele anteriormente.

Quais são os cuidados que devemos ter com relação à confiabilidade de *sites* educacionais?

Alguns quesitos precisam ser observados com cuidado e alguns deles são evitar confusão de nomes de *sites*; identificar a autoria do site, ou seja, as pessoas ou empresas que estão relacionados com o seu desenvolvimento; a data da publicação e a alteração da página que está sendo pesquisada, pois esta informação vai situar, temporalmente, as informações; outras informações necessárias referem-se ao objetivo do *site*; os recursos de comunicação do *site*: se for um *site* de pesquisa educacional deve ser verificado se existem *e-mails* para contatos, salas de bate-papo, listas de discussão, *softwares* educacionais. Esses são recursos que permitem a interação com as pessoas envolvidas. Existe um leque de opções para o aluno escolher, de acordo com o foco da sua pesquisa.

A Internet é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação - TIC. Como podemos caracterizar essa tecnologia?

Hoje, com as TICs, podemos ter uma forma de ensinar compartilhada, em que o aluno tem oportunidades de ser mais responsável pelo seu conhecimento e o professor pode assumir o papel de facilitador com participação e colaboração fundamentais para o êxito do processo.

Há uma gama de alternativas e como afirma Tajra (2008, p. 154), seus serviços podem ser definidos como síncronos ou assíncronos. Os primeiros funcionam quando dois ou mais usuários estiverem interligados à Internet no mesmo momento. São exemplos disso as salas de bate-papo. Os assíncronos dispensam a conexão simultânea. Nessa categoria estão o correio eletrônico e a lista de discussão. Nas atividades educacionais, os serviços assíncronos têm sido mais explorados; com eles tanto o aluno quanto o professor têm a liberdade da escolha de horário para se conectar à Internet.

Das ferramentas assíncronas, o correio eletrônico ou *e-mail* é a mais utilizada pelos educadores. É comum professores enviarem avisos, textos, perguntas, imagens por *e-mail*, interagindo com os alunos. A lista de discussão,

segundo Tajra (2008), é montada por pessoas/empresas/entidades que têm interesse em agrupar sujeitos com os mesmos objetivos sobre determinados assuntos, no caso em tela, na área educacional. Pode ser montada por um professor ou aluno; quando se envia um *e-mail* para a lista, todos os usuários recebem-no. Para Moran (2000, p. 46),

O recurso didático da lista de discussão auxilia o aluno e professor criando uma conexão virtual permanente pois leva informações importantes para o grupo, com orientação bibliográfica, de pesquisa, a dirimir dúvidas, trocar sugestões, enviar textos e trabalhos.

A lista de discussão tem se revelado como uma forma rápida e participativa de integrar professores e alunos em propostas de ensino. Pode ser montada, como exemplo, por alunos do curso de Marketing, e nela poderia ser discutido um conteúdo como o *Marketing* Pessoal, tendo como administrador da lista o professor de Introdução ao *Marketing*. Alunos enviariam conteúdos pertinentes à disciplina, enquanto que possíveis lacunas seriam supridas com variados autores dedicados ao tema, tudo isso tempo real.

Outra forma de comunicação síncrona é o *chat*, muito utilizado por alunos e também professores. O *chat* ou sala de bate-papo é um recurso disponível na Internet que visa a comunicação *on line*. A principal característica do *chat* vem da sua utilização para comunicação em grupo, que se dá via texto, como no correio eletrônico e as mensagens podem ser recuperadas, se necessário. Além das salas de *chats* disponíveis na Internet, existem programas específicos para o bate-papo, o MSN é um deles, muito utilizado para a comunicação interpessoal. Os *chats* são classificados em: *chats* de texto livre (encontrados nas salas de bate-papo dos portais e o tema é livre), *chats* de texto moderado (existe a presença de um moderador e um tema definido) e *chats* de texto especial - estes têm as mesmas características do anterior, contando ainda com o horário e a data previamente combinados.

Na educação é comum alunos utilizarem este serviço, mas ainda de forma dissociada em relação aos seus estudos. Utilizam-no, predominantemente, para lazer, como forma de conversação. Ao falar desse contexto com muitas alternativas, Moran (2000, p. 44) aponta a importância dessas ferramentas para a criação de ambientes educacionais:

Hoje, começamos a ter acesso a programas que facilitam a criação de ambientes virtuais, que colocam alunos e professores juntos na Internet. Programas como *Eureka* da PUC de Curitiba, o *Learning Space* da Lótus-IBM, o WEBCT, o *Aulanet* da PUC do Rio de Janeiro, o *Firtsclass*, o *Universite*, o *Blackboard* e outros semelhantes, permitem que o professor disponibilize o seu curso, oriente as atividades dos alunos, e que estes criem suas páginas, participem de pesquisas em grupo, discutam assuntos em fóruns ou *chats*.

A utilização do *chat* pode permitir projetos de cunho didático. Um exemplo seria a discussão em tempo real sobre um tema com escolas diferentes, pertencentes a regiões diversas. Os professores formariam os grupos e discutiriam sobre um conteúdo previamente estabelecido. Por exemplo, pode-se tomar por objeto de estudo o *marketing* de varejo, tema estudado no curso de Marketing. A primeira discussão seria agendada previamente, com o horário estabelecido pelos grupos, em suas escolas. Os professores elaborariam perguntas referentes ao texto e tomariam os participantes como debatedores. Este tipo de discussão enquadra-se na modalidade de *chat* de texto moderado, em que há presença de um moderador que pode ser um dos professores.

A utilização deste recurso passa a ser uma atividade verdadeiramente comunicativa, pois os alunos se apropriam desta ferramenta para discussões autônomas. Mesmo porque os alunos, quando se engajam em atividades interativas, estão motivados a desenvolver manifestações espontâneas. Algo que nos remete a Freire (1977, p. 67): “a comunicação, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida”. É importante ressaltar que, nesse tipo de experiência pedagógica, é necessário que não se esqueça do “outro”, pois entre os interlocutores deve existir a interação. A importância dessas atividades colaborativas é destacada por diversos autores, entre eles Levy (1996), que afirma serem as atividades colaborativas uma perspectiva promissora para a evolução da inteligência coletiva em educação.

Freire (1977, p. 66-67) é um precursor da aproximação entre educação e comunicação:

Esta co-participação no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. [...] Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se *comunicam* seu conteúdo.

Sendo assim, dar importância à construção de projetos colaborativos com a coparticipação no ato de pensar, tendo como uma alternativa o *chat*, é permitir que o aluno possa refletir sobre a linguagem e sobre os desafios de escrever com clareza, contribuindo para a sua formação acadêmica e também de outras pessoas envolvidas no processo dialógico.

Behrens (2000, p. 99), assegura que:

A Internet permite a formação de *grupos de discussão*, por meio de *chats* e *fóruns*, que possibilitam ao acesso de alunos e professores como usuários do sistema para compartilharem informações sobre determinados assuntos de interesse comum ou até participando do mesmo projeto, local, nacional ou internacionalmente.

Por outro lado, sabemos que o papel fundamental das IES é o de favorecer o desenvolvimento intelectual, social e afetivo, formando cidadãos. Diante desses desafios, as tecnologias de informação e comunicação colaboram para se alcançar esses objetivos. Tajra (2008, p. 134) salienta que “A Internet é uma grande aliada para atingirmos um futuro com sucesso. [...] Precisamos educar nossos filhos e promover a educação de nossos alunos com uma visão de futuro”. A Internet abre as portas para a mais ampla inserção no mundo da informação.

A informação e a possibilidade de dialogar são passos fundamentais para construir significados. Para Moran (2000), conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Pela comunicação desenvolvemos vários processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social. O conhecimento se dá por um processo rico em que existe uma interação interna e externa, ou seja, a interação e a interiorização. Pela interação tomamos noção de tudo que nos rodeia, da captação das mensagens resultam a revelação e a ampliação da percepção externa. Por outro lado, a nossa compreensão só vai se completar com a interiorização, por um processo de síntese e reelaboração de tudo o que captamos pela interação.

A Internet abre um amplo espectro de possibilidades de interações, vínculos e colaborações. Talvez, ainda pouco exploradas pela cultura escolar.

3.2 O Professor e a Informação

Temos muitas chances de interagir, de buscar informações e interlocutores. Existe uma parafernália que nos leva a conhecer novas pessoas, a ler livros e textos inspirados no mundo em que vivemos.

Ao mesmo tempo, a mídia nos mostra um caminho baseado em busca do externo. Abre-nos as portas da sociedade da agilidade, criatividade e nos coloca à prova em todos os momentos. Por isso, deixamos de vivenciar a calma, a meditação e a paz que são extremamente necessárias para a aceitação e síntese de nosso dia-a-dia. O processo de conhecimento depende de como estamos habituados a processar as experiências ao longo de nossas vidas. Ao alertar sobre isso, Moran (2000, p. 27) escreveu:

Se nossos processos de percepção estão distorcidos, podem nos levar desde pequenos a enxergar-nos de forma negativa, a não avaliarmos corretamente. Conhecer a si mesmo, aos outros conhecer o mundo de forma cada vez mais ampla, e profunda é o primeiro grande passo para mudar, evoluir, crescer, ser livre e realizar-se.

A importância do que foi explicitado se reflete com relevância na situação vivida pela escola. A escola ressurgiu como lugar de transformações, e o ponto de partida se dá no processo de comunicação autêntica e aberto entre professores e alunos com olhos abertos à realidade social.

Cebrian (1999) entende que o uso da Internet representa um processo de construção do conhecimento. Uma vez que o conhecimento é algo que está sempre em construção, reconstrução e renegociação, as partes envolvidas é que decidem, e o que impera é a interconectividade e a mobilidade.

O professor é um agente de mudanças e de mobilidade; cabe a ele traçar linhas de ação mesclando ações individuais, personalizando o ensino-aprendizagem e, sem descuidar do coletivo, encontrar o seu estilo de dar aulas, flexibilizando os conteúdos e não se fixando neles, valorizando a busca e a compreensão de informações. Uma dificuldade da ação docente é encontrar equilíbrio entre a multiplicidade das fontes de acesso à informação e comunicação para orientar os alunos a aprenderem os conteúdos considerados essenciais pela cultura escolar e para a vida.

Esse percurso requer a atenção dos professores às mudanças tecnológicas. Para Moran (2000), é necessário integrar tecnologias, metodologias, atividades, integrar texto escrito, comunicação oral, escrita hipertextual, multimidiática. Aproximar as mídias às atividades, possibilitando que transitem de um meio para o outro, de um formato para o outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias. Trazer o universo do audiovisual para dentro da escola. Valorizar a presença no que ela tem de melhor e a comunicação virtual no que ela nos favorece. Equilibrar a presença e a distância, a comunicação “olho no olho” e a telemática.

Para esse autor, o professor é um pesquisador em serviço. Aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando. O seu papel é, fundamentalmente, o de um orientador/mediador que informa, ajuda a escolher as informações mais importantes, trabalha para que elas se tornem significativas para os alunos, permitindo que eles as compreendam, avaliem conceitual e eticamente, reelaborem-nas e adaptem-nas aos seus contextos pessoais; ajudá-los a ampliar o grau de compreensão de tudo, a integrá-los em novas sínteses provisórias.

Para Moran (2000), no aspecto emocional, cabe ao professor motivar, incentivar, estimular, organizar os limites, com equilíbrio, credibilidade, autenticidade, empatia. Na dimensão ética, ensina a assumir e vivenciar valores construtivos, individual e socialmente. Cada um dos professores colabora com um pequeno espaço, uma pedra na construção dinâmica do “mosaico” sensorial-intelectual-emocional-ético de cada aluno. Este vai organizando, continuamente, seu quadro referencial de valores, idéias, atitudes, tendo por base alguns eixos fundamentais comuns como a liberdade, a cooperação, a integração pessoal. Um bom educador faz a diferença.

Neste mundo de compromissos, em que o papel humanizador da educação ganha realce, Paulo Freire (1996, p. 22) afirma:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” E o ensinar é um caminho também de aprendizagem. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

O crescente avanço tecnológico trouxe mudanças de hábitos sociais com a popularização da Internet, em função do volume de informações e serviços que ela disponibiliza, sem deslocamento físico. Para que isso aconteça, Dorocinski (2001, p. 60) aponta o que entende ser necessário para se fazer uma informática educativa:

- alcançar o patamar reconstrutivo adequado com o saber pensar e o aprender a aprender;
- incluir a presença do professor, pelo menos de modo intermitente, porque é o principal responsável externo pela qualidade do processo educativo;
- estimular o trabalho interdisciplinar de grupo, também para alimentar um dos alicerces mais importantes do saber pensar que é saber questionar com base em agrupamentos compartilhados.

Educar é um processo complexo que não se resume em aplicar idéias, mas também, é saber lidar com o tipo de informação que se recebe. Moran (2000) argumenta que a Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece.

Dada a possibilidade de a tecnologia de informação ter potencial para encorajar alunos e professores a desenvolver projetos pedagógicos para o avanço na compreensão da realidade vivida, Moran (2000, p. 51) ousa dizer:

A sociedade precisa ter como projeto político a procura de formas de diminuir a distância que separa os que podem e os que não podem pagar pelo acesso à informação. As escolas públicas e as comunidades carentes precisam ter esse acesso garantido para não ficarem condenadas à segregação definitiva, ao analfabetismo tecnológico, ao ensino de quinta classe.

Segundo Guedes e Rosenthal (2006, p. 423), a “informática, em geral e a Internet, em particular, oferecem um excelente ambiente para o trabalho corporativo, possibilitando, integrar indivíduos não apenas localmente, mas também à distância”. Mas, como isso seria possível?

Do ponto de vista do docente, é necessário modificar a prática existente, o que demanda contemplar atividades que ultrapassem as paredes das salas de aulas e dos laboratórios, que favoreçam um aprendizado significativo, desafiador, problematizador, a ponto de mobilizar o aluno a buscar soluções possíveis, para serem discutidas.

Tomando por referência a idéia freireana de que o homem cria a cultura na medida em que, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre ela e dá respostas à situação desafiadora em que se encontra, gera o conhecimento ao buscar e praticar o diálogo.

Freire (1983) adverte que não se pode cultivar a consciência bancária da educação, em que o educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador, perdendo o homem, assim, o poder de criar, pois se torna um arquivo. Freire reafirma que o homem deve criar e transformar o mundo, sendo o sujeito da ação.

Com essa compreensão, o papel do professor já não é mais de somente transmitir conhecimentos, uma vez que qualquer recurso tecnológico dispõe de mais informação que o professor e, às vezes, pode transmiti-la ainda melhor. Está surgindo uma nova forma de ensinar e o professor é o sujeito mais importante dessa filosofia, sobretudo porque tem a chance de motivar situações de aprendizagem e, mais que isso, canalizar essas situações.

Então, a busca do professor por novos projetos deve ser incessante e, por outro lado, nesse processo colaborativo, deve ser questionado pelo aluno para que possa produzir. A Internet é uma grande enciclopédia, que fornece informações de interesse educacional, podendo transformar tanto o aluno quanto o professor.

O professor aberto ao diálogo, a novas perspectivas, idéias e aprendizagens insere-se no grupo para ajudar no desenvolvimento próprio de cada sujeito. Para Moran (2000), um passo importante nessa direção é procurar, de todas as formas, tornar viável o acesso frequente e personalizado de professores e alunos às novas tecnologias, notadamente à Internet.

O trabalho na Internet implica a criação de ambientes de aprendizagem cooperativos voltados à sociabilização, solução de problemas, interação nas informações de interesse do grupo e a busca do conhecimento por parte dos alunos. Levy (1996) vai além, dizendo que tanto "quanto à pesquisa utilitária de informação, é essa sensação de mergulhar no cérebro comum e dele participar que explica o entusiasmo pela Internet".

No contexto de atenção à aproximação das pessoas, Boruchovitch e Bzuneck (2001) ponderam que a motivação é um fator preponderante em qualquer atividade humana, principalmente no aprendizado, pois a motivação instiga, faz iniciar um comportamento direcionado a um objetivo, como o de prestar atenção ou

fazer o dever de casa. Assim genericamente, a motivação, ou o motivo é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso.

No momento em que se vive uma espécie de imersão no imenso oceano de informações, cabe ao professor enfatizar a competência de escolha, de formular perguntas, da negociação de significados, da colaboração cognitiva. O antigo papel de transmissor de conteúdos parece bastante fragilizado. Está aberta a temporada para novos compromissos.

3.3 Compromissos Docentes que se Renovam

Uma das competências esperadas dos cidadãos do século XXI, conforme anunciam os códigos da modernidade idealizados por Bernardo Toro (2002), é que saibam “localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada”. No entanto, não basta o educador dirigir uma pesquisa a um conjunto definido de *sites*, é importante que o professor sugira *sites* específicos e portais de boa qualidade; é preciso abrir horizontes, incentivando os alunos a buscarem novas informações, confrontarem-nas para empregá-las nos projetos em desenvolvimento.

O professor pode estipular aulas virtuais, variando os assuntos dentro da sua disciplina, aplicada ao curso de Tecnologia em Marketing; por exemplo, estudar em direito comercial e do consumidor a forma de sociedades comerciais utilizadas em vários países, comparando-a ao nosso Direito, demonstrando que as leis aplicadas são decorrentes de estudos da cultura e costumes de um país. Então, além de estudarmos o Direito, também podemos conhecer outros países, o clima, o povo enfim, existe uma interação total, sem precisarmos nos deslocar fisicamente. O professor diante desses parâmetros pode e deve estimular a sua aula com o uso da Internet, aumentando as alternativas para explorações.

Nesse contexto de ampliação do mundo percebido, Aranha (2006, p. 300) salienta que:

Se não há como deixar de reconhecer o impacto da imagem e a importância da mídia como uns dos grandes apelos do mundo, pós-moderno, é fundamental incorporar as novas técnicas, desde que se promova ao mesmo tempo a capacidade crítica das imagens e das

informações transmitidas pela mídia, seja ela a Internet, a televisão, o cinema, os vídeos, CDs ou DVDs.

Como fonte de informação aberta e mantida por todos aqueles que quiserem registrar suas pesquisas e opiniões, é preciso desenvolver o senso crítico, a comparação entre as diversas fontes e o debate de idéias. Dessa forma, o professor assumiria o papel de orientador, mediador, buscando a qualidade no desenvolvimento do projeto educativo e, principalmente, a convivência lúcida e criativa em situações desafiadoras.

É importante ressaltar que um projeto pedagógico, bem estruturado e que dê continuidade à experiência, é primordial para que se tenha sucesso. O professor tem opções metodológicas que visam organizar os conteúdos que serão aproveitados bem como de que forma serão introduzidos ao aluno. É claro que não podemos aferir a extensão do projeto sem que seja explorada cada fase, pois não teremos a garantia da finalidade de cada fase. Não se trata de passar rapidamente de uma ferramenta para outra, ou seja, do livro para a televisão e o vídeo, para o computador e a Internet, sem que haja o senso da exploração reflexiva.

Dentro desse processo de construção de novos elos educacionais, podemos colocar a televisão, o vídeo e os computadores como responsáveis por algumas mudanças nos parâmetros tecnológicos.

Mas, independentemente de termos esses recursos, é necessário que o administrador escolar e o professor possam dar suporte aos educandos com o objetivo de buscar a produção de aprendizado. O administrador, possibilitando o acesso ao aparato de ferramentas, deixando que os alunos possam estabelecer contato com os recursos tecnológicos e, por outro lado, o professor deverá ter empatia suficiente para organizar e ensinar alunos, com conteúdos que possam estabelecer o devido contato com a ferramenta, possibilitando o descobrimento de suas competências.

O educador poderá aproximar-se dos alunos para conhecê-los e, a partir daí, ajudá-los a entender suas perspectivas e seus interesses. Existem instituições que embora tenham computadores que deveriam ser utilizados por alunos, privam-nos da utilização, com receio do sucateamento das máquinas. Por isso, é necessário que a instituição crie regras sustentáveis para a utilização dos computadores pelos alunos.

Quais são os benefícios das tecnologias de informação? Os professores poderão utilizar-se da tecnologia da informação para que tenham parâmetros do que está sendo ensinado em seu país e, inclusive, no mundo, difundindo também o seu conhecimento a outros colegas.

Os professores e alunos deverão utilizar-se desta tecnologia para que possam buscar o estímulo para a pesquisa individual e coletiva, desenvolvendo projetos inovadores, com o fim de contribuir para o benefício de comunidades tidas como pobres bem como para toda a sociedade, por meio de projetos sociais ou não.

Muitos profissionais esperam que os caminhos já estejam demarcados para a utilização de todo esse aparato tecnológico, imaginando fórmulas de tornar mais fácil a sua tarefa, mas é importante ressaltar que, sem a formação e criatividade do professor e o apoio dos profissionais ligados à educação, não conseguiremos implantar projetos pedagógicos que visem dar atualidade e render frutos na educação e para o curso de Tecnologia em Marketing.

O professor com o acesso à tecnologia telemática poderá tornar mais fácil seu contato com os educandos, proporcionando a eles atividades ímpares dentro do que propõe o seu projeto.

As tecnologias de comunicação e informação cada vez estão mais acessíveis. Não é necessário que tenhamos máquinas potentes para o encaminhamento de bons projetos educacionais, o essencial é a lucidez e a criatividade em sua aplicação. O aproveitamento das potencialidades ocorrerá em virtude dos vínculos que educadores, pais, administradores escolares e educandos estabelecerem.

A própria mídia tem divulgado, constantemente, o esforço de pessoas que investiram em projetos sociais que visavam atender às necessidades educacionais e, com muita dedicação e espírito de luta, encontraram caminhos para a busca de soluções.

Uma vez que algumas instituições já possuem todo o aparato tecnológico, basta que se aplique projetos pedagógicos estruturados, principalmente voltados para a comunicação não verticalizada e que culmine com o desenvolvimento educacional.

Na educação, as mudanças que a Internet provoca nas atividades de ensino e pesquisa influenciam o comportamento de alunos e professores e, cada vez mais, ela está em ambientes de estudo e trabalho. A informação, das mais

diferentes naturezas, tornou-se radicalmente mais acessível. O desafio está em criar uma cultura escolar mais sensível ao diálogo acerca da significação das informações. O acesso surge como uma fase que foi fortemente facilitada e estruturada na informação, baseando-se na Ética, nos valores do que pode ser feito ou não.

3.4 Ética na Internet

A Internet dinamizou e contribuiu para a disseminação das informações com a divulgação de materiais de todas as áreas, estabelecendo pontes entre o virtual e o físico. E, pela ampla facilidade nesse processo, surgiram comportamentos não recomendáveis, e a discussão ética veio à tona.

Atualmente podemos ouvir em vários meios, sejam eles profissionais, educacionais, familiares ou políticos, a caracterização da ética que visa, primeiramente, a dignidade humana; ela envolve sentimentos humanos, a educação, fatores sociais e códigos profissionais. Nas palavras de Sá (2007, p. 15):

A ética é a ciência que estuda a conduta humana, perante o seu ser e seus semelhantes, envolve os estudos de aprovação e desaprovação das ações humanas e considera o valor como mediação do que é real e voluntarioso no campo das ações virtuosas.

A ética consiste na formação e respeito a valores que se constroem desde a fase infantil e nos acompanham pelo resto de nossas vidas. Neste sentido, Aranha (2006, p. 173) afirma:

Isso não é fácil se pensarmos que a sociedade é plural e se constitui de valores conflitantes diante dos quais nos posicionamos e escolhemos, ao mesmo tempo que devemos aceitar a divergência e o confronto de idéias. Bem sabemos que a educação para a liberdade começa cedo e cada etapa do crescimento têm características próprias.

Uma pergunta sempre pertinente é: quais são os valores que julgamos serem importantes em nossas vidas?

Provavelmente, cada pessoa conhece os valores de acordo com as suas experiências pessoais, profissionais e sociais; cabe manifestá-los segundo a

sua consciência. Vários filósofos do século XIX desenvolveram essa temática, Nietzsche propôs a “transvaloração dos valores”, como cita Aranha (2006), pois os valores foram criados ao longo do tempo e incorporados de acordo com as civilizações. O ato de valorar é uma tarefa humana e coletiva que nunca termina.

É indispensável uma abordagem que abarque ética e educação, já que a relação entre ambas é inseparável, existindo inúmeras situações de discussão a respeito, mas vamos nos ater, principalmente, no sentido de educar com liberdade e cidadania. Ainda discorre a mesma autora, só existe a educação para a liberdade – e por meio dela – para que não se torne adestramento ou doutrinação.

Observa-se em nosso cotidiano situações que, para alguns envolve educação e para outros, ética. É óbvio que algumas dessas questões estão relacionadas a comportamentos da época. No meio escolar, os jovens são observadores e críticos, alguns conseguem filtrar e avançar no processo educacional, até mesmo, independente de orientação pedagógica, porém outros estão nesse meio, mas são atraídos por comportamentos distantes do que a sociedade aceita como virtude.

São inúmeras as notícias que acompanhamos de problemas escolares relacionados ao comportamento. Educar é uma ação fundamental, o professor necessita conhecer o seu aluno e ajudá-lo a compreender a importância do estudo nos projetos de vida, para que ele possa visualizar um futuro promissor, independente da comunidade em que vive ou da situação familiar.

Em algumas situações, o professor pode ser o único interlocutor através do qual o aluno conhecerá valores que qualificam sua personalidade, podendo fazer uso dos mesmos para seu bem-estar social, familiar e educacional. Savater (2000) destaca isso ao afirmar que a genética nos predispõe a chegarmos a ser humanos, mas somente pela educação é que conseguimos sê-lo efetivamente.

A formação da consciência ética é um dos compromissos da educação escolar. Nessa empreitada, a família, a comunidade, as diferentes mídias etc. são parceiras. Nesse campo, a Internet traz novidades; no ciberespaço o principal é que o aluno tenha consciência de que mesmo estando em um ambiente que não conhece fisicamente, seus valores devem persistir da mesma forma como ocorre nas relações interpessoais e educacionais.

Segundo Gomes (2000), a Internet influenciou profundamente o comportamento da sociedade, pois hoje é possível fazer muitas coisas pela rede.

Porém, definitivamente há falta de segurança na Internet e vários fatores contribuem para isso, como por exemplo: a falta de educação, anonimato, a disseminação da tecnologia, falta de interesse dos usuários, outros fatores humanos e possibilidades de um ataque.

O acesso às informações da rede que estão disponíveis traz também algumas questões inseridas em seu bojo, principalmente no que se refere ao comportamento e ao desenvolvimento moral e social das pessoas. A criação da rede beneficiou sensivelmente a globalização, mas também criou práticas obscuras que podem influenciar negativamente pessoas menos atentas ao senso ético.

Reedy (2001) adverte que como em qualquer outro veículo existem regras de ética que devem ser seguidas e compreendidas por todos os que criam materiais para o público e o comércio. Contudo, são comuns relatos de abusos no uso de formas de comunicação como as comunidades de Orkut e as sala de bate-papo.

O Brasil ainda não possui uma legislação específica para punir quem comete atos infracionais no ciberespaço. É importante lembrar que aquele que pratica delito relacionado à Internet, causando danos ao interlocutor, não pode ser punido pelo crime de dano, pois o artigo 163 do Código Penal Brasileiro estabelece que somente coisa pode ser objeto material do crime de dano.

A coisa a que se refere o legislador trata-se de coisa móvel ou imóvel, devendo tratar-se de coisa corpórea ou no sentido realístico, pois somente pode ser danificada por ação física. Os dados que estão inseridos no computador, são incorpóreos. Naturalmente, que nesse sentido não se pode punir alguém por adentrar em sistemas alheios para danificar ou destruir dados. Existem casos em que se podem configurar os crimes de injúria, calúnia ou difamação, além do mais comum, como tem se confirmado como uma porta de entrada para o crime de pedofilia. E como podemos tipificar esses crimes? Apesar do avanço tecnológico existente em nosso país, ainda não foi criada uma legislação específica que possa punir os crimes cometidos em função de recursos disponibilizados pela Internet.

Com a liberação da Internet ao grande público, a viabilidade de se oferecer serviços pela rede deixou evidente a fragilidade da rede com relação às informações dos seus usuários. A privacidade na Internet relaciona-se de forma análoga à imprensa, à revelação de fatos privados embaraçosos e ao uso de métodos questionados para coleta de informações. A analogia com a lei de imprensa

é clara e se sustenta pelo texto que prevê que: será violação à privacidade a divulgação de dados ou fatos que atentem contra a intimidade, à vida privada, à honra e à imagem da pessoa. Tal divulgação pode ser realizada por meio de um *site*, correio eletrônico ou arquivo disponível para a cópia.

Há projetos que se encontram em votação no Congresso Nacional, prevendo a tipificação dos crimes cometidos na Internet. Atualmente, apenas a jurisprudência preserva a sociedade contra esses crimes.

No mundo escolar um dos desvios éticos que mais preocupam os professores é o plágio. No dicionário Rocha, plagiar significa: assinar ou apresentar como seu (trabalho literário ou científico de outrem) ou imitar literalmente (trabalho alheio).

A comunidade educacional precisa estar atenta aos trabalhos escolares: a prática de reproduzir textos e obras literárias sem citar a fonte criadora, é plágio.

Diante desta situação, fica evidente a importância do professor como orientador que problematiza comportamentos indevidos, que aponta a significação da autoria. Vale ressaltar a importância de uma pesquisa virtual bem realizada, com consciência ética.

3.5 O Professor Universitário

Identificar o perfil adequado do professor universitário não é uma tarefa simples, pois ao pesquisarmos, deparamo-nos com situações que dificultam a procura de um professor universitário autêntico e, principalmente, qualificado pedagogicamente e nas experiências acadêmicas. Parece ser mais fácil apontar as divergências que tornam a docência do ensino superior distantes de bases pedagógicas, do que encaminhá-las e convertê-las em suportes de aprendizagem.

Ao levantar os principais problemas na ação pedagógica do ensino superior, Pimenta e Anastasiou (2008) identificam: na maioria das vezes, o docente do ensino superior tem formação não docente (médico, advogado, engenheiro etc); alguns apresentam formação *lato sensu*, mas não associam os conhecimentos específicos com a pesquisa e/ou exercício profissional no campo educacional; na

maioria das IES os professores recebem prontos planejamentos, ementas, conteúdos, sem conhecer processos de planejamento metodológicos e avaliativos; o docente não encontra interlocutores, na instituição, para discutir questões pedagógicas.

Com as dificuldades apontadas, a forma tradicional de ensinar, utilizando verbalismo e quadro de giz, não se altera. Por outro lado, há necessidade de novas práticas, pois a sociedade está repleta de inovações tecnológicas que devem ser exploradas e oferecidas aos estudantes. Conforme Pimenta & Anastasiou (2008), a tarefa da educação é inserir as crianças e os jovens tanto no avanço civilizatório, como na problemática do mundo de hoje.

Com os avanços tecnológicos, o professor qualificado pode facilitar o percurso de seus alunos, para que sejam desafiados a pensar e criar soluções. Seria um professor como pensado por Gil (2006): competente; com conhecimentos técnicos; visão de futuro; mediador do processo de aprendizagem; apto a organizar e dirigir situações de aprendizagem; atento à sua formação contínua; transformador; multicultural; intercultural; reflexivo; capaz de trabalhar em equipe; preparado para enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; capaz de utilizar novas tecnologias.

A essas características citadas como essenciais acrescentamos a postura dialógica defendida por Freire (1983): lembramos que a docência, em qualquer nível, está relacionada com o ato de ensinar, envolvendo relação interpessoal fundada na conversação, sendo que de um lado temos alguém com vontade de ensinar e do outro lado, alguém com vontade de aprender.

Quanto aos conhecimentos oriundos dos meios de comunicação, adquiridos na atual revolução informacional, Pimenta e Anastasiou (2008) destacam que a IES deve proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, pelo exercício da reflexão, adquirindo sabedoria necessária à permanente construção do humano.

Quanto ao professor universitário, Tardif (2002) define-o como pesquisador da educação, um sujeito do conhecimento, um ator que desenvolve e possui teorias, conhecimentos e saberes de sua própria ação. Continuando, o autor argumenta que é uma idéia que se opõe à concepção tradicional da relação entre teoria e prática, contrária a realidade. No meio universitário, o conhecimento pode se equivaler aos saberes docentes, portanto, o aproveitamento pode ser direcionado

para as pesquisas orientadas pelos docentes, que pela complexidade dos problemas sociais, deverão ocorrer de forma interdisciplinar.

Com a Internet, mais do que nunca, o professor é alguém que, além de ensinar, em um clima de mudanças, aprende com os alunos. Tajra (2008, p. 109) afirma que:

Os alunos também perceberão as mudanças ocorridas com a utilização dessa tecnologia. Muitos deles já possuem maiores conhecimentos tecnológicos que os próprios professores, o que, de certa forma, vai inibi-los, cabendo nesse momento ao professor assumir o seu novo papel; facilitador do processo de ensino aprendizagem e não mais o grande detentor de todo o conhecimento.

Ao propor um ensino com uso da Internet, o docente necessita ter um programa de atividades. Trabalhar em ambientes virtuais exige tempo, organização e domínio de conteúdo, pois o professor na realidade é um espelho para o aluno; através da metodologia aplicada pelo professor é que o aluno vai conduzir os seus estudos utilizando a Internet como uma ferramenta. Com a sociedade digital, o professor necessita mudanças no seu perfil pedagógico, Kenski (2006, p. 105,106) sugere que no ato de ensinar/ aprender:

- partilhar com outros professores e estudantes os recursos e informações de que dispõem, para que, juntos estabelecerem alguma ordem, ainda que efêmera, que encaminhe os movimentos de aquisição e produção de conhecimentos a partir do exagero de informações disponíveis em todos os espaços;
- criar elos e relações entre as memórias de todos os tempos;
- estabelecer uma cartografia de saberes, valores, pensamentos e atitudes a partir da qual possam instigar criticamente o conhecimento e ir além, em busca do novo. E no novo, a eterna busca do ser, melhor, em todos os sentidos.

É indispensável o professor analisar o seu papel na sociedade da informação; precisamos assumir que a educação é um processo que se dá em uma sociedade constituída por individualidades heterogêneas, vindas de localidades com características diversas, envolvendo comportamentos, informações e saberes distintos. A docência ocorre em uma sociedade multifacetada.

Mudanças dependem da consciência das pessoas, é preciso que haja compreensão da realidade vivida. Neste sentido, Freire (1983) aponta várias dimensões que contribuem para ações favoráveis à emancipação. É necessário que o docente compreenda as diferentes realidades e a gravidade dos problemas sociais

que afetam a educação; ele deve ser um problematizador da realidade para gerar uma pedagogia da pergunta que negue o espírito diretivo. Freire (1977, p. 83) escreveu:

O que importa fundamentalmente à educação, é problematização do mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das idéias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência enfim, o mundo da cultura e da história, que, resultando das relações do homem- mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores.

Ninguém melhor que o professor para provocar a curiosidade do aluno em descobrir informações, num tempo real, ir ao passado, localizar-se no presente e poder lançar projeções do futuro. Por isso, Freire (1977) diz que “quanto mais se pergunta, tanto mais sente sua curiosidade em torno do objeto do conhecimento não se esgota. Que esta só se esgota e já nada encontra se ele fica isolado do mundo e dos homens”.

Sob esse olhar, para Moran (2000), é necessário integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação e ter uma visão de totalidade e ensinar é um processo social desenvolvido individualmente.

O diálogo é essencial por ser ativo e crítico, possibilitando que os sujeitos se encontrem mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Os grupos de discussão, utilizando a *web*, podem encaixar-se com perfeição na concepção dialógica de Freire: cabe o ato de auto-gerir a aprendizagem, definindo o conteúdo e a dinâmica das atividades.

A partir do momento que aluno e professor, compartilhem informações e negociem significados, a docência do ensino superior ganhará uma dinâmica colaborativa e geradora de curiosidade para alimentar a busca e a criação.

Em síntese, na educação, é visível como alunos e professores, buscam informações para o enriquecimento de seus conhecimentos, para a vida profissional e também acadêmica e pessoal. Nesse quadro, a Internet detém posição de destaque como porta para um mundo infindo de informações, apresentadas nas mais diferentes linguagens.

Na docência no ensino superior, observamos que os alunos gostam de usar a Internet para atender às suas curiosidades, ter contato com novidades, manter relacionamentos, recolher material para fazer tarefas propostas pelos professores etc.

Dessa percepção, surgiu nosso interesse em pesquisar como os estudantes do ensino superior utilizam a Internet, especificamente os alunos do curso de Tecnologia em Marketing, como ferramenta de enriquecimento de sua formação acadêmica. Foi também objeto de interesse verificar a possível ênfase dada pelos professores à Internet como fonte a ser explorada pelos estudantes, por exemplo, ao se prepararem para avaliações escolares.

No capítulo a seguir apresentaremos os resultados e análise das manifestações dos alunos a respeito da pesquisa.

4 OS ACADÊMICOS E A INTERNET

Neste capítulo apresentaremos os resultados e a análise das manifestações dos alunos acerca do uso que fazem da Internet e, também, abordaremos o tratamento dado à disciplina Informática aplicada ao Marketing. Na entrevista, os alunos do 4º Módulo do Curso de Tecnologia em Marketing, responderam aos itens propostos pelo roteiro semi-estruturado.

Discutiremos, a seguir, as informações obtidas, distribuídas segundo os itens selecionados, que se transformam em descrição de resultados. Buscaremos associar os resultados descritos e as fontes bibliográficas, incluindo documentos como Grade Curricular do Curso de Tecnologia em Marketing e os alunos que participaram da pesquisa.

4.1 Caracterização dos Sujeitos

Q.1 Idade dos entrevistados

O ingresso no ensino superior, freqüentemente, ocorre antes dos 20 anos, porém há os que se inserem mais tarde, pois alguns fatores podem adiar esta iniciativa. Entre os possíveis fatores estão a falta de recursos financeiros, o desinteresse pelo estudo, a necessidade de priorizar o trabalho e a falta de estímulo da família.

No ensino superior não há homogeneidade no que se refere à idade. Normalmente no ensino infantil, fundamental e médio existe um parâmetro de idade, pois de acordo com o caput do art. 205 da Carta Magna da República, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...], e o artigo 208, I, do mesmo diploma, prevê “Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na idade própria”. E no inciso II, o mesmo artigo prevê “progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio.”

Referente ao número de estudantes no ensino superior, o IBGE informa que cresceu 13,2% em 2006, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de

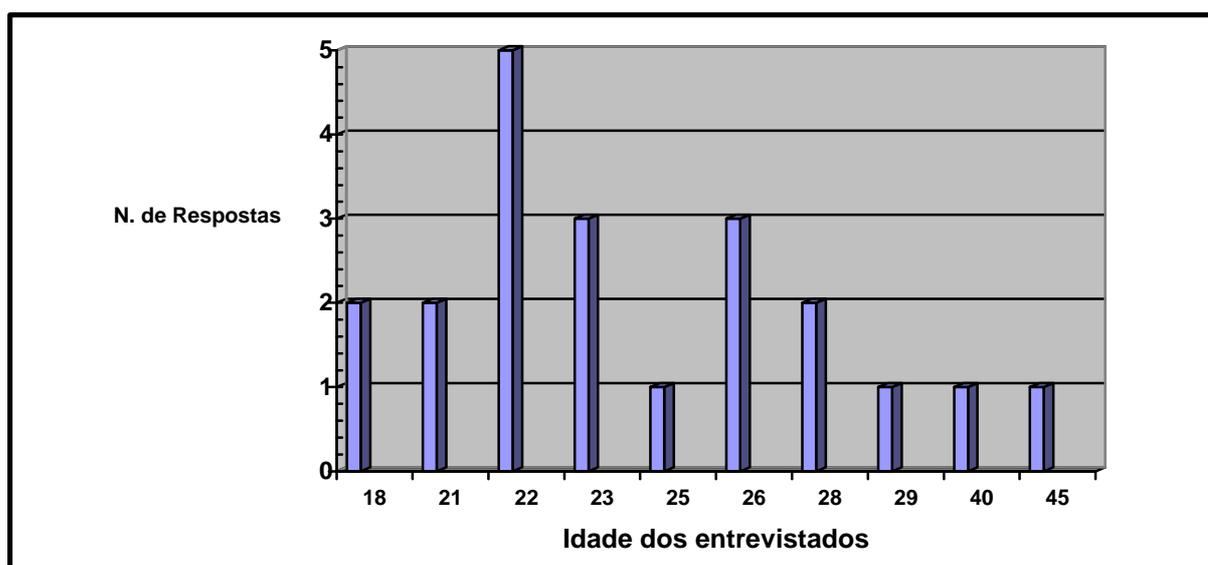
Domicílio (PNDA); na rede privada o crescimento foi de aproximadamente 7,5%, enquanto que na rede pública diminuiu 0,7%. Ainda segundo o IBGE, o crescimento no ensino superior privado foi mais forte entre os alunos com mais de 25 anos (IBGE, 2008).

Do ensino infantil ao ensino médio, o Estado e a família são responsáveis diretos pelo ingresso e a permanência do aluno na escola, em face da faixa etária estar relacionada com a menoridade; já no ensino superior, não há obrigatoriedade para a continuidade dos estudos. Assim, o indivíduo opta de acordo com a sua necessidade.

De acordo com o gráfico1, podemos notar que a busca pela formação acadêmica ocorre em uma faixa etária ampla, que vai dos 18 aos 45 anos. Quando o professor está à frente de uma sala de aula no ensino universitário, parece-nos importante obter informações sobre a faixa etária de seus alunos; muitas vezes a idade pode estar relacionada a interesses e projetos de vida. Gil (2006) mostra que a principal contribuição desses diagnósticos é mostrar o quanto os estudantes são diferentes entre si, pois quando o professor passa a dispor de um conjunto importante de informações estas podem auxiliá-lo no trabalho docente.

No gráfico 1 registramos a distribuição dos 19 alunos entrevistados, de acordo com a respectiva idade.

GRAFICO 1 – Idade dos entrevistados



Q.2 Sexo dos entrevistados

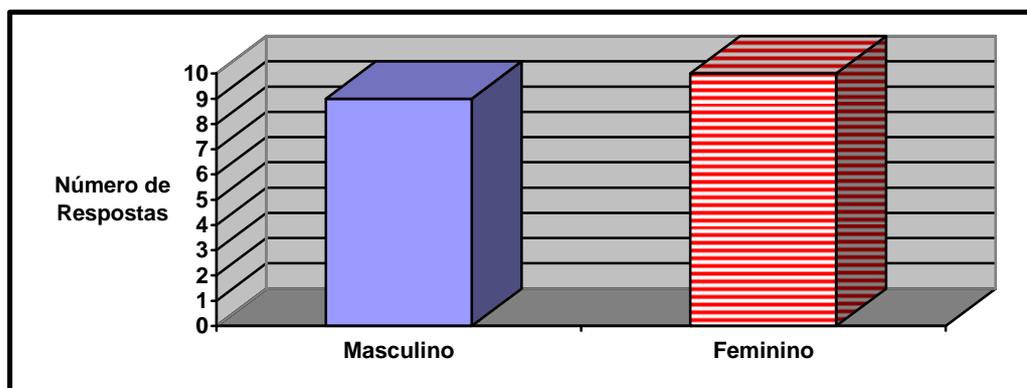
Não há predomínio de sexo com relação ao grupo entrevistado. Tanto os homens quanto as mulheres sentem necessidade de estudar. Para Gil (2007, p. 40), durante muito tempo, no Brasil e em outros países, o corpo discente das escolas era composto por estratos sociais pouco diferenciados, e no Ensino Superior predominava a identidade masculina. A partir do processo de democratização do ensino, passaram a ter acesso à escola pessoas de diferentes estratos sociais, interesses, motivações, heranças culturais competências e conhecimentos em diferentes graus de desenvolvimento.

A Constituição Federal, em seu artigo 5º, I, prescreve que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, este mesmo princípio da igualdade está abrangendo o aspecto educacional. Para Savater (2000, p. 180), devemos promover e sustentar uma universalidade democrática educacional, isso significa não excluir ninguém do processo educacional que potencializa e o desenvolve.

Charlot (2005) afirma que a Globalização multiplica as formas de mestiçagem (entre culturas, sexos, faixa etárias, etc.), apaga as especificidades culturais e abre a porta para a uniformização cultura.

No gráfico 2 observamos que dos 19 alunos entrevistados, 09 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

GRAFICO 2 – Sexo dos entrevistados



Q.3 Profissão dos entrevistados

Do diálogo com eles, verificamos que a maioria já exerce uma profissão. Entre os fatores que os levaram à IES estão:

- para alguns, a formação em nível superior é exigência do local onde trabalham, embora os entrevistados, primeiramente, estejam cursando o nível superior por iniciativa própria;
- optaram pelo curso de Ensino Superior em Tecnologia em Marketing, por estarem envolvidos já com atividades relacionadas ao curso e outros por opção, após obterem informações sobre a formação profissional do curso.

Neste grupo há uma diversidade referente a experiências profissionais anteriores. Isso requer que o docente diversifique suas estratégias didáticas com o intuito de lançar, diferencialmente, cada aluno ao seu percurso profissional.

Não se pode homogeneizar o ensino, portanto, o papel do professor torna-se desafiador, pois como Gil (2006) preconiza, a homogeneidade é menos criativa, pois conduz à síndrome do pensamento único.

No ensino superior, como ocorre em outros níveis, é imprescindível que o professor conheça seus alunos, porque o sucesso de sua didática depende do diálogo vinculado à realidade do alunado. Este percurso liga-se a relacionamento entre professor-aluno, motivação, acesso e manuseio de tecnologias, respeito mútuo à diversidade cultural e, principalmente, à formação de profissionais éticos e responsáveis.

Esta situação deve ser organizada institucionalmente. Pimenta e Anastasiou (2008) argumentam que os professores devem proceder ao conhecimento e à identificação de quem são os seus alunos, o que pensam, o que sabem, suas expectativas, a visão que têm do que é ser profissional da área 'escolhida.

Segundo Libâneo et al. (2007), situamo-nos em uma sociedade técnico-informacional ou sociedade tecnológica. É comum os trabalhadores terem acesso ao uso de tecnologias em seus ambientes de trabalho, pois é uma exigência do mercado profissional que leva o indivíduo a buscar informações para manter seu posto de trabalho.

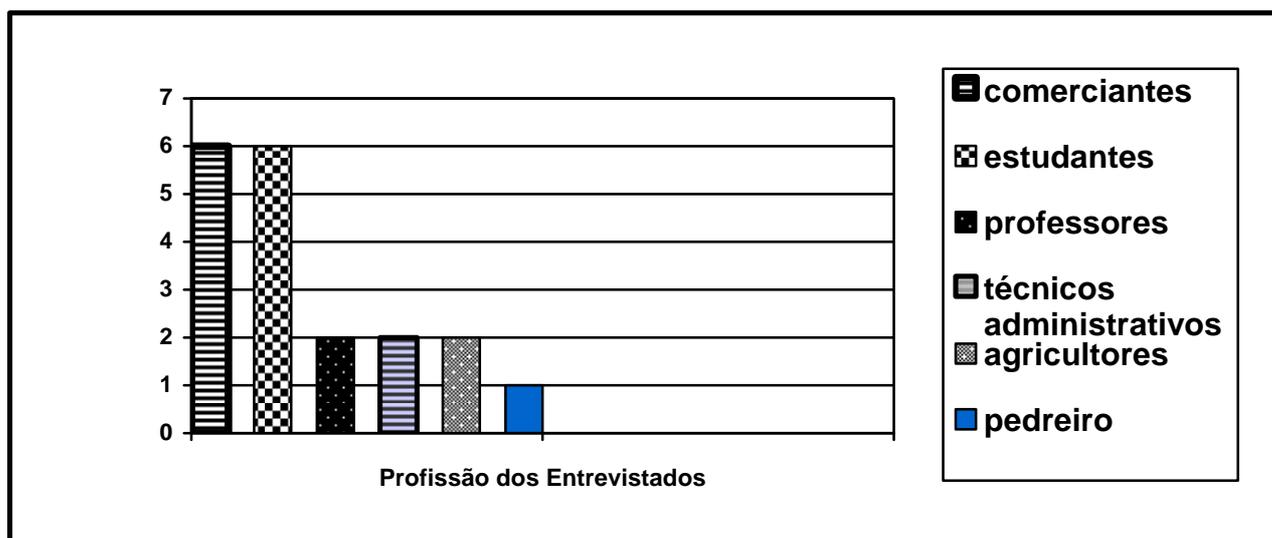
Em decorrência disso, nunca o aluno aprende apenas na instituição educacional superior. Ao ingressar na faculdade ele já apresenta uma gama de informações adquiridas no desempenho da sua profissão, pois o ambiente de trabalho torna-se, também, espaço de aprendizagem.

Para Gil (2006), as empresas vêm descobrindo que incluir e promover o desenvolvimento de profissionais não constitui apenas questão de responsabilidade social e de cidadania, mas de agregação de valor ao negócio.

As atividades das IES estão relacionadas com preparar o aluno para o trabalho, tendo em vista que o mercado profissional evolui em maior proporção que as práticas educacionais. Deparamo-nos com surpreendentes tecnologias que podem ser utilizadas com reflexos positivos para a sociedade. Como os alunos transportam suas experiências profissionais para o ambiente educacional, Pimenta & Anastasiou (2008) sugerem que a presença de alunos trabalhadores pode tornar-se um elemento de grande contribuição no processo de relação entre teoria e prática.

Com relação à profissão dos entrevistados podemos observar no gráfico 3, que dos 19 sujeitos da pesquisa, 06 são comerciantes, 06 são estudantes universitários, 02 professores do ensino básico, 02 técnicos administrativos, 02 agricultores e 01 pedreiro.

GRAFICO 3 – Profissão dos entrevistados



Q.4 Você possui computador

Durante a entrevista, de forma individual, todos relataram que possuem computador em casa. Isso significa um determinado privilégio, pois a situação nacional ainda está distante disso, como apontam os dados que mencionaremos a seguir.

Foi realizada pesquisa sobre o uso domiciliar das tecnologias de informação e comunicação – a chamada TIC domicílios -, pelo *Ipsos Opinion*, a pedido do Comitê Gestor da Internet (GGI) em 2005 e 2006. Na consulta a 10,5 milhões de domicílios brasileiros, constatou-se que mais da metade dos brasileiros (54,4%) nunca usou um computador, menos de 20% têm o equipamento em casa e apenas 14,5% dos domicílios com computador estão ligados à rede mundial. Entretanto, 45,6% dos entrevistados afirmaram já ter usado um computador e 33% acessaram a Internet pelo menos uma vez na vida – ou seja: 67% nunca navegaram na Internet. A mesma pesquisa informa que, no Brasil, houve aumento na presença de computadores nos domicílios, passando de 16,6% em 2005, para 19,6% em 2006.

As regiões Sul e Sudeste ficam acima da média nacional com 25% dos domicílios tendo acesso ao equipamento; já as regiões Norte e Nordeste encontram-se abaixo, com 10% e 8,5%, respectivamente.

Segundo o Comitê Gestor da Internet (GGI), entre 2005 e 2006, houve um acréscimo de 8,1 milhões de pessoas no acesso às TICs, com 2 milhões de domicílios adquirindo computadores, ao passo que quase 1,5 milhão de casas passaram a ter acesso a Internet, o que significa que 7,5 milhões de brasileiros, a mais, conseguiram conexão. No total, 50.643.000 (33,1%) pessoas são usuárias de computador e 42.534.000 (27,8%) têm acesso à Internet. (Fonte: Representação da Unesco no Brasil), (TICs nas Escolas, V,I, n.I,2008).

O acesso a tecnologias transforma-se em “bem de consumo”. Pode-se apresentar, atualmente, uma facilidade para adquirir televisão, celulares, telefones fixos, rádios, aparelhos (DVDs, Vídeos) e, até mesmo, computador. Porém, o uso e a permanência das tecnologias podem ser dificultados, porque no Brasil paga-se pelo consumo, conseqüentemente, obter informações não é privilégio de todos.

Em dados apresentados por Sorj&Remold (2003) consta que “a distribuição desigual de computadores entre a população de diferentes cidades no

Brasil é um reflexo dos níveis desiguais de riqueza entre as regiões e os estados”. Também destacam que o conhecimento do computador é um bem valioso e pode ser a chave para se obter emprego e sucesso na educação.

Na maioria das vezes, primeiramente as pessoas adquirem as tecnologias de informação como objetos de desejo, de vaidade e não observam que podem adquirir um dos melhores benefícios, a informação.

Sem dúvida, possuir um computador em casa já pode ser possível para muitos brasileiros, todavia nem sempre possuir um computador é sinônimo do mesmo computador estar ligado à Internet. Pode ser que as pessoas comprem o equipamento para utilizá-lo em tarefas digitais, ou lazer, mas desconhecem os benefícios informacionais que o computador interligado à grande rede possibilita.

Para Tajra (2008, p. 45):

A principal característica que distingue o computador em relação aos demais recursos tecnológicos, está relacionada à sua interatividade, a possibilidade de ser um instrumento que possa ser utilizado para facilitar a aprendizagem individualizada.

Portanto, é positivo perceber que o grupo de alunos entrevistados, que são os sujeitos desta pesquisa, possui computador em seus domicílios, o que pode ser um início para ampliar o horizonte para a construção do conhecimento.

Q.5 Locais de uso do computador

Podemos observar que os locais mais freqüentes para uso do computador são, primeiramente, a faculdade, seguida de casa e faculdade. Possivelmente são os locais com maior facilidade para o uso e sem restrições. Visto que no ambiente de trabalho há normas quanto ao tempo de uso e o motivo pelo qual o computador está sendo utilizado, normalmente não pode ser para fins pessoais. Já nas *lan houses* é necessário que o usuário pague pelo tempo que utiliza o computador.

Comparando-se os dados da Web Latam, colhidos pelo Ibope *Media Information* em 2005 com a TIC Domicílios, o maior motivo no Brasil para o pouco uso da Internet está no fato de não haver computador em casa. Conclui-se que a

recorrência a locais externos à residência ainda não é um hábito disseminado no país.

Segundo notícia do Diário de Pernambuco, na cidade de Ribeirão, distante 85 km de Recife, a Internet e os videogames tornaram-se um vício da juventude, em inúmeras *lan houses* locais.(fonte: Representação da Unesco no Brasil - TICs nas Escolas, V,I, n.I,2008). Isso mostra que a *lan house* pode ser o local escolhido para os jovens usarem o computador, porém nem sempre com intuítos e fins educacionais.

Os locais de uso de computador podem interferir no processo educacional quando, em suas dependências, as instituições de ensino podem direcionar o uso ao estudo do aluno. No ambiente de trabalho, mesmo sendo utilizado para ações profissionais, o indivíduo pode também ter ganhos cognitivos, sendo que há exigência das empresas de que os profissionais saibam manusear o computador, o que pode ser critério para admissão.

Quanto às residências, o fato de haver o computador pode estar vinculado à realização de trabalhos acadêmicos ou lazer. No que diz respeito às *lan houses*, a pessoa pode dispersar sua atenção com videogames, vídeos, sem o acesso educacional informatizado; além disso, nas *lan houses* há o custo financeiro.

Portanto é indispensável que as escolas possuam computadores para o uso discente, porque, assim, oferecem uma boa oportunidade para o indivíduo adquirir informações, estabelecer diálogos à distância, participar de grupos de discussão etc.

Nas palavras de Moran (2000, p. 51):

A sociedade precisa ter como projeto político a procura de formas de diminuir a distância que separa os que podem e os que não podem pagar pelo acesso à informação. As escolas públicas e as comunidades carentes precisam ter esse acesso garantido para não ficarem condenadas à segregação definitiva, ao analfabetismo tecnológico, ao ensino de quinta classe.

O acesso a tecnologias vem se tornando frequente, mas em relação às tecnologias e uso na área educacional, ainda não atingiu satisfatoriamente todas as unidades escolares. Essa demora implica, muitas vezes, em exclusão digital.

A exclusão digital por motivos raciais, econômicos, políticos e ou culturais, ainda priva muitas pessoas do acesso às tecnologias de informação e

comunicação. Alguns fatores contribuem para a exclusão digital, como descrevem Milagres e Catellan (2002, p. 3):

Falta de infra-estrutura em telecomunicações: Para o uso das TICs é necessária uma infra-estrutura razoável em telecomunicações. Se não existe tal infra-estrutura, é necessário construí-la e isso demanda tempo e dinheiro.

-Custo de acesso: O custo de acesso é mensurado basicamente por três indicadores: preço dos computadores, custo das tarifas telefônicas e despesas com provedor de acesso a Internet.

Idioma: O Inglês é o idioma oficial da *Web*. Não sendo compreendido por toda a população.

Conteúdo: É a obtenção de informação que motiva as pessoas a utilizarem a Internet. Prover informação sob demanda a um público tão heterogêneo tem se mostrado uma árdua tarefa.

Censura: Mecanismos de censura também atrapalham a disseminação da Internet. Casos recentes como governo Chinês que controla o acesso dos internautas de seu país ao conteúdo de sites ocidentais sob a justificativa de proteger o regime ditatorial comunista e o Talibã que proibiu o uso da Internet no Afeganistão sob justificativas fanático-religiosas.

As principais questões que marcam as dificuldades caracterizam-se quanto a ter computadores e se os mesmos possuem condições de estarem conectados à Internet. Essas dificuldades não envolvem somente o indivíduo, mas, principalmente, a escola. Tajra (2008, p. 47) argumenta que:

O uso de computador como máquina de ensino divulga questões como: a necessidade de formação e atualização dos educadores, a tecnologia atrai mais atenção dos alunos, o computador torna mais fácil o aprendizado de disciplinas consideradas difíceis, como a Física e a Química, e aumenta o desempenho escolar.

Sendo a escola um marco importante de desenvolvimento pessoal, ela necessita equipar-se dos meios tecnológicos e, principalmente, orientar-se por princípios pedagógicos adequados. Acerca disso, Tajra (2008) diz: O que define a atuação de uma escola quanto ao uso da informática é como esta tecnologia está sendo utilizada: se integra aos interesses educacionais e de formação dos alunos.

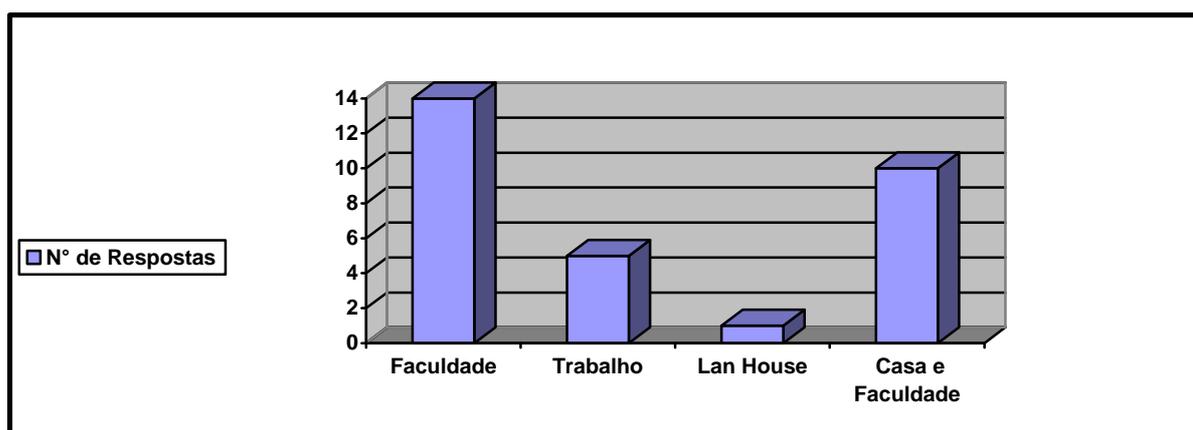
Segundo os dados colhidos, a maioria utiliza o computador na faculdade. Essa utilização é favorecida porque a Faculdade possui computadores à disposição dos alunos em vários setores, como na Biblioteca e no laboratório de informática.

A partir da pesquisa, outro fato a se destacar é que, com a heterogeneidade das idades e profissões dos entrevistados, o acesso ao computador na faculdade torna-se um momento de interação, consolidando a

relação com a construção do conhecimento, principalmente na troca de experiências, favorecendo a inclusão digital.

Ao perguntarmos onde utilizavam os computadores, obtivemos os resultados retratados no gráfico 4.

GRAFICO 4 – Local de uso do computador



Q. 6 Para que você utiliza a Internet

Os entrevistados, quando perguntados se usam a Internet, afirmaram que sim. Essa realidade é compatível com o que ocorre em outros espaços em que a Internet está presente na vida das pessoas diariamente. Países, organizações, empresas, instituições, ligadas à política, à economia e à educação dependem da Internet para se integrar com o mundo; ela é a forma mais rápida de transmitir ou de receber informações. Como afirma Tajra (2008), a Internet é a mídia que mais cresce no mundo. Atualmente, já contamos com 70 milhões de pessoas em todo o planeta que se beneficiam dos serviços oferecidos pela Internet.

Com as respostas dos entrevistados, pudemos observar que para eles a Internet é fundamental em suas vidas na busca de informações, do que desejam no seu cotidiano.

Mudando o foco, os entrevistados responderam: para que utilizam a Internet? Na seqüência, transcrevemos fragmentos das respostas.

- 1) *“Sim utilizo para verificar email, ORKUT, MSN, e para trabalhos de aula”*

- 2) *"Sim para fazer trabalhos da faculdade, mas sempre ver as notícias do dia, ORKUT, MSN e para a pesquisa de algum produto que estou interessada"*
- 3) *"Sim para pesquisa nos sites de busca, emails, ORKUT, sites de compras"*
- 4) *"Uso para fazer pesquisas, bate-papo, MSN, ORKUT, sites de busca"*
- 5) *"Para ler emails, faço muita pesquisa no google sobre vários assuntos, alguns sites visito diariamente como: yahoo, google, baixaki e outros."*
- 6) *"Sim. Para verificar emails, pesquisa no google, site da escola, e de concursos, sites das redes de TV, como, Globo, Record, SBT."*
- 7) *"Sim, em site de busca"*
- 8) *"Sim, utilizo, quando tenho tempo, para pesquisar"*
- 9) *"Sim, para pesquisar assuntos e alguns produtos que não conheço"*
- 10) *"Sim, site de busca"*
- 11) *"Sim. Contatos comerciais e lazer."*
- 12) *"Sim. Para fazer pesquisas, usar o MSN e email, para diversão, noticiários"*
- 13) *"Sim. Para fazer pesquisas de trabalho na faculdade, ver as notícias do dia, Orkut, MSN e para pesquisa de algum produto da loja."*
- 14) *"Sim. Para pesquisar em sites de busca, email site de compras."*
- 15) *"Sim, Para fazer pesquisa, adquirir informações novas e recentes. Costumo acessar a Internet, para verificar sites de busca, mas às vezes utilizo diretamente as páginas interessadas e também uso como diversão, jogos, horóscopos e resumo de novelas."*
- 16) *"Sim. Pesquisas e verificar emails."*
- 17) *"Sim. Pesquisa e diversão."*
- 18) *"Sim, para verificar email."*
- 19) *"Sim. Para pesquisas na elaboração de trabalhos para a faculdade, previsão do tempo, distração, notícias, informações."*

De acordo com o que foi relatado nas respostas apresentadas, podemos observar que os alunos utilizam-se da Internet no seu cotidiano, sempre na busca de informações, para se situar dentro de seu contexto de vida.

A Internet auxilia no modo como as pessoas recebem as informações devido aos diversos recursos que pode apresentar, dentre os quais, o que chama a atenção é o áudio-visual, a informação estendida por sons e imagens que aguçam a curiosidade dos alunos. Mais do que isso, a Internet, quando utilizada, propõe estímulo às pessoas, pois traz consigo uma gama de opções na seleção de informações por ela transmitidas.

Recorrendo às falas transcritas, observamos que eles se utilizam frequentemente do *e-mail*, que é a forma eletrônica mais utilizada para enviar informações. Como escreveu Tajra (2008, p. 157), o “correio eletrônico é o serviço mais utilizado na Internet. Ele funciona semelhante a um correio convencional”. Uma característica do correio eletrônico é a agilidade que possui, modificando a forma de comunicação e de linguagem da sociedade.

Ainda pelas respostas dos alunos, podemos identificar que para os entrevistados, os *sites* de relacionamento, como MSN e Orkut, são bastante utilizados. Os *sites* de relacionamento são considerados ferramentas síncronas, ou seja, simultâneas, em que as pessoas podem conversar em tempo real conectadas por dois computadores, inclusive, tendo a possibilidade de visualização de ambos os internautas se o equipamento contar com uma câmera chamada de *webcam*.

A pesquisa pela Internet é bastante utilizada pelos alunos. Na maioria das vezes, como podemos observar nas respostas, é realizada por meio de *sites* de busca que não exigem sistematização para a sua utilização. Basta clicar na tela de informações uma palavra ou assunto que se queira pesquisar, que esta apresentará várias informações sobre o conteúdo desejado, podendo ser “*linkado*” com os *sites* que são detentores da informação. Dentre os *sites* mais utilizados estão o Google, Yahoo, e Baixaqui.

Para Moran (2000), o aluno desenvolve a aprendizagem cooperativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados. A interação bem-sucedida aumenta a aprendizagem. Verificamos que essa dimensão apontada por Moran (2000) está ausente na fala dos entrevistados.

Vale destacar que a realização de pesquisas, com intuito de aprofundar-se em conteúdos, para os alunos tem um fator motivacional, pois a partir

dos vários conteúdos pesquisados, poderão estes criar argumentos para realizar o seu trabalho acadêmico. A respeito disso, Behrens (2000) afirma que os professores e alunos podem utilizar as tecnologias da informação para estimular o acesso à informação e à pesquisa individual e coletiva, favorecendo processos para aumentar a interação entre eles.

Outro dado informado pelos entrevistados na pesquisa, refere-se à consulta realizada por eles a *sites* de entretenimento, como podemos observar nas respostas anotadas. Habitualmente os alunos usam os *sites* de entretenimento na procura por informações do cotidiano, como temperatura, notícias, horóscopo e outras informações fornecidas por esses *sites* que, geralmente, são os provedores e que informam através de um jornal eletrônico.

Enfim, diante do que foi relatado, ressaltamos a importância da Internet no cotidiano dos entrevistados que, com a utilização desta ferramenta, buscam interagir com o mundo virtual. Algo similar ao que escreveu Cebrian (1999): o uso da Internet representa um processo de construção, reconstrução e renegociação, as partes envolvidas é que decidem, o que impera é a interconectividade e mobilidade.

Q. 7 Você utiliza a Internet para estudar para a prova

Sendo fonte facilitadora para a análise de conteúdos e auxílio no aprofundamento dos estudos, perguntamos aos entrevistados se eles utilizam a Internet para estudarem para as provas.

O gráfico 5 mostra que apenas dois dos nossos entrevistados utilizam a Internet para se aprofundar em estudos, visando as avaliações das disciplinas, enquanto que a maioria, ou seja 16, respondeu que não procura a Internet para estudar para as avaliações, e um entrevistado usa a Internet de forma esporádica, como auxílio.

Se o aluno não utiliza a Internet para estudar, provavelmente não foi orientado a ampliar seu universo de informações. Indagamos, então, como os conteúdos são desenvolvidos em sala de aula, pois se os mesmos são apresentados de forma aberta e reflexiva, o aluno necessita ir em busca de mais informações para ocorrer interação entre as reflexões lançadas pelo professor e as significações construídas pelo aluno. Porém, se há pura transmissão de

informações, de forma restrita ao modo verbal e gráfico, o aluno não sente a necessidade de indagar-se sobre os conteúdos ensinados pelo professor.

A avaliação não pode ser baseada em mensurar o que o aluno consegue repetir daquilo que o professor falou. Ela é mais ampla, algo que lembra Moran(2000, p. 13):

Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou idéia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos.

A partir do momento que o docente consegue atingir o ponto em que o aluno compreende e aplica conteúdos estudados, as avaliações são transformadas em questionamentos para que ele avance em sua aprendizagem. Essa ação docente implica a motivação e o despertar da reflexão.

Neste sentido, Perrenoud (1999) escreve que avaliação não é um meio de verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos visados; recomenda-se que quando se ensina, deve-se ter uma idéia precisa da maneira como se procederá para avaliar os conhecimentos. Observamos, então, que a maneira de ensinar realmente implica rever a aplicação das teorias pedagógicas e as atividades didáticas; não podemos reduzir a aquisição de informações a atividades de, simplesmente, ler e copiar, porque nesta situação a avaliação será semelhante.

Para o docente avaliar, por meio de provas, pode ser uma forma de mascarar sua vontade de ensinar e avaliar com liberdade. Esta ação traz angústias ao docente, pois desse modo, necessita ensinar com atividades interdisciplinares, avaliar cada aluno de forma individual no que se refere à aquisição de conhecimentos e à administração do tempo. Nas palavras de Perrenoud (1999), a avaliação tradicional impede a inovação pedagógica.

Com avaliações restritas a questões objetivas ou dissertativas, poderemos configurar apenas o que foi transmitido no interior da sala de aula, a educação, poderá ser fragmentada, ou seja, desproporcional à inovação pedagógica que a sociedade anseia.

A avaliação, segundo André e Passos (2006), quando cobra nomes, datas e idéias copiadas está se baseando na memória e na repetição de informações e, quando pede ao aluno que exponha seu ponto de vista, argumente,

produza textos, elabore projetos e proponha soluções para um problema, abre-se à reflexão, participação e criação. Neste último contexto o aluno pode sentir a necessidade de utilizar a Internet.

Para avaliar o aluno de forma significativa o professor necessita de situações que envolvam o ensino com a vida do aluno, aproveitando para introduzir meios facilitadores, por exemplo, pela experiência e uso de tecnologias como a Internet. Com preocupações dessa natureza, Moran (2000, p. 63) afirma que a Internet “é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, ampliar e modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender”.

Ao questionar os alunos nesta pesquisa sobre o uso da Internet como meio de estudo para avaliações, constatamos que quase a totalidade não utiliza esse instrumental. Mas observamos, anteriormente, que estes mesmos alunos utilizam a Internet como meio de comunicação em outras atividades, diferentes daquelas conhecidas como educacionais.

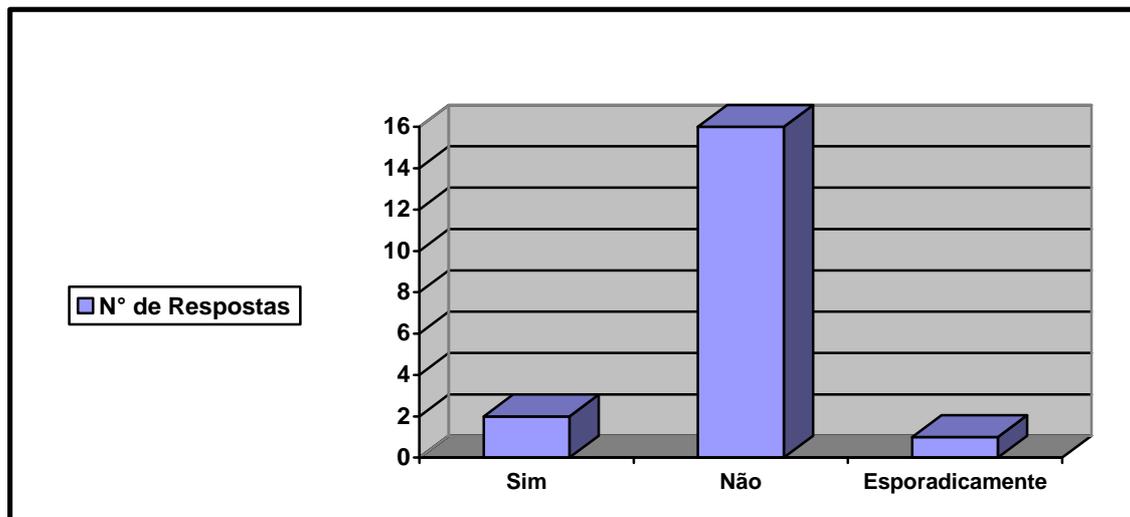
Não utilizar a Internet como meio de estudos para avaliações pode estar relacionado à falta parcial de conhecer os benefícios de utilização da Internet como meio para estudo e pesquisa. Isso tem muito a ver com a cultura didática predominante no curso.

A prática docente, para o uso da Internet pelo aluno como ferramenta de enriquecimento de aprendizagem, implica despertar os sentidos, criar experiências, traduzir pensamentos e, de forma proposital, levar o aluno a habituar-se com este meio tecnológico dirigido a situações de estudo.

Como vimos, os entrevistados envolvem-se em *sites* de relacionamento como MSN e ORKUT e procuram *sites* de lazer e entretenimento. Provavelmente estas ações foram desencadeadas por sentimentos de curiosidade, atração e desejo, tornando-se ciclos diários de comunicação virtual.

Entendemos como desafio docente criar contextos em que o aluno deguste – quando envolvido em questões escolares – as mesmas sensações presentes em atividades pessoais no mundo virtual.

A distribuição da respostas está no gráfico 5.

GRAFICO 5 - Utilização da Internet para estudo

Q. 8 Sites utilizados para trabalhos escolares

A totalidade dos entrevistados respondeu que se utilizam de *sites* para pesquisar os trabalhos escolares propostos pelos professores.

Dos entrevistados, 14 responderam que fazem pesquisa escolar, utilizando-se do *Google*; dois apontaram o *Cadê* como o preferido para a procura de conteúdo para os trabalhos; o *Yahoo* e a *Wikipédia* receberam, cada um, uma indicação.

É importante ressaltar que, pela entrevista, os alunos mostraram que o primeiro contato realizado com a Internet para encontrar conteúdos desejados é pelos *sites* de busca, por estes *sites* fazem a conexão com outras fontes, disponibilizadas pelos *links*. Como fala Moran (2000, p. 53), “a Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece.”

Os alunos utilizam os *sites* de busca por julgarem que a pesquisa é mais rápida e que podem resolver o seu problema instantaneamente, no entanto, com a ajuda do professor eles poderão realizar seus trabalhos escolares com mais segurança. Torna-se fundamental o conhecimento específico do professor sobre os *sites* mais adequados à natureza do assunto pesquisado.

Com referência a isso, o entrevistado que disse utilizar a *Wikipédia* para realizar suas pesquisas escolares, quando indagado se sabia em que consistia

a Wikipédia, respondeu que “não sabia direito, que parecia ser uma enciclopédia virtual”, revelando desconhecer a forma colaborativa de construção da Wikipédia.

Diante do que foi relatado, observamos que os entrevistados, mesmo utilizando-se de sites que fornecem informações a respeito de conteúdos educacionais, não procuram verificar a veracidade das informações colhidas e não exploram a rica diversidade de fontes.

Tajra (2008) apresenta três percursos didáticos quanto à forma de se encaminhar o uso da Internet em situações escolares, em uma pesquisa:

- livre, o professor vai ao ambiente de informática com o intuito de promover uma navegação sem um foco específico;
- direcionada pelo conteúdo, o professor solicita aos alunos que realizem uma pesquisa sobre um determinado assunto, sem definir ou sugerir *sites*;
- direcionada pelo conteúdo e pelo *site*, o professor solicita aos alunos que realizem uma pesquisa sobre um conteúdo determinado e nos *sites* específicos já analisados por ele anteriormente.

Uma pergunta pertinente nessa discussão é: quais são os cuidados que devemos ter com relação a confiabilidade de sites educacionais?

Há vários cuidados a serem citados, apontamos:

- é necessário verificar o nome do *site*, pois *sites* podem ser confundidos pelo nome;
- a autoria do *site*, ou seja, as pessoas ou instituições que estão relacionados com o seu desenvolvimento;
- data da publicação e a alteração da página que está sendo pesquisada; este dado situa temporalmente as informações, servindo como possível indicador de atualização;
- recursos de comunicação, se for um *site* de pesquisa educacional deve ser verificado se existem *e-mails* para contatos, salas de bate-papo, listas de discussão, *softwares* educacionais; esses são recursos que permitem a interação das pessoas envolvidas na área educacional.

O professor é importante na orientação dos alunos quanto ao uso de *sites* para facilitar aprendizagens. A forma como os entrevistados disseram usar a Internet, recorrendo, exclusivamente, aos chamados *sites* de busca, pode ser um indicador da ausência da mediação docente em relação à pesquisa via *web*.

As tecnologias de comunicação e informação, dentre as quais a Internet, estão sendo experimentadas pela comunidade acadêmica e, embora sejam facilitadoras, não dispensam as mediações. Muitas vezes os alunos já se utilizavam dessas tecnologias em suas casas ou em ambientes profissionais e, agora, na escola, para que possam usá-la como ferramenta de diálogo e colaboração cognitiva, é necessário que também o professor se interesse por este recurso.

O professor encontra-se diante do desafio que é introduzir a Internet nas pesquisas educativas de forma dialógica, criativa e ética, procurando desenvolver suas habilidades e as de seus alunos para uma fértil caminhada pelo mundo do conhecimento. Uma vez que a Internet, aliada aos princípios educativos abertos à pesquisa, poderá trazer bons resultados para a comunidade acadêmica. Sobre isso, Behrens (2000, p. 88) afirma:

Busca-se um ensino aliado à pesquisa como princípio educativo, e não apenas como princípio científico. Essa abordagem contempla a visão do educador que propõe uma metodologia que possibilite ao aluno se apropriar, construir, reconstruir e produzir conhecimento.

Para tanto, é importante que o professor possibilite ao aluno o desejo de redigir, de formular perguntas, organizar informações, para que possa aprender e gerar conhecimento, pois o processo de ensinar pela pesquisa é frutífero. O processo da pesquisa é, em si, educativo e leva professor e aluno a se tornarem sujeitos na aquisição dos seus próprios conhecimentos. Daí a importância de se enfatizar e valorizar a produção do trabalho escolar feito pelo aluno, pois há uma preocupação frequente na comunidade acadêmica, com relação às cópias de trabalhos da Internet, sem que seja respeitada a autoria, o que é plágio. Acerca disso, Masetto (2000, p. 161) pontua que

Há necessidade de o professor orientar os alunos a respeito de como direcionar o uso desses recursos para as atividades de pesquisa, de busca de informações, de construção do conhecimento e de elaboração de trabalhos e monografias. Essa orientação é fundamental para que tão rico instrumento de aprendizagem não se transforme em uma forma mais caprichada de colagem de textos- como antes era feito com textos de

revistas ou de livros xerografados da biblioteca – e sim que represente uma possibilidade de elaboração de trabalhos e monografias que seja produção de conhecimentos, frutos da reflexão e estudos pessoais e de discussões em grupo e não apenas cópias de textos já escritos.

Existe uma cultura que se encontra disseminada com relação à forma de se pesquisar pela Internet, embora pareça a mais simples, não traz credibilidade: é a bem conhecida ControlC-ControlV. Esse é um obstáculo a ser superado; o aluno e o professor precisam estar atentos, pois a prática de reproduzir textos e obras literárias constitui severo desvio ético. Diante dessa situação, reitera-se a importância do professor como orientador para um exercício cidadão e curioso no ciberespaço.

Q. 9 Aprofundamento de assuntos tratados em sala de aula

Ao perguntarmos aos sujeitos da pesquisa se eles utilizam a Internet para aprofundamento das aulas ministradas, obtivemos as respostas apresentadas a seguir:

- 1) *“Em determinados assuntos sim, mas não de forma cotidiana”*
- 2) *“Sim às vezes quando o assunto é interessante é válido saber mais sobre o tema.”*
- 3) *“Às vezes, quando são citados em trabalhos.”*
- 4) *“Às vezes, só quando é muito necessário.”*
- 5) *“Não, somente quando tem que fazer trabalho.”*
- 6) *“Às vezes, quando tem trabalho.”*
- 7) *“Só quando o assunto me interessa”*
- 8) *“Quando me interesso pelo assunto e tenho a curiosidade para aprender mais, eu procuro na Internet.”*
- 9) *“Somente quando tenho acesso, pois não disponho de Internet com tal frequência.”*
- 10) *“Sim, principalmente se o assunto me interessa bastante.”*
- 11) *“Muitas Vezes, Sim. “*
- 12) *“Somente quando tem trabalho ”*
- 13) *“Quando são citados em trabalho”*
- 14) *“Sim, procuro mais informações para aprimorar o conhecimento”.*
- 15) *“Se me chamar a atenção gosto de procurar, sim. “*

16) *“Somente quando o professor pede.”*

17) *“Somente quando existe trabalho.”*

18) *“Sim procuro saber o máximo.”*

19) *“Em determinados assuntos, quando interessa.”*

Como podemos observar pelas respostas à indagação, a maioria procura pesquisar na Internet quando é necessário. Destacamos aqui a clara definição de papéis, reservando-se ao professor o de animador de discussões, negociador de significados, fomentador de curiosidades e desencadeador de reflexões.

Ou seja, o professor além de recorrer à sua metodologia, utilizando-se de recursos disponíveis, pode introduzir reflexões provocadas por informações obtidas via Internet. Mas, para isso, é necessário que ele conduza o processo, organizando as experiências e auxiliando nas sistematizações.

As tecnologias de informação podem se caracterizar pela novidade, mas pensando além, com seu uso, o professor tem oportunidades de modificar a forma de ensinar, estimulando os alunos e se preocupando com a interação deles com o aprendizado de forma cooperativa. Nesse sentido, Moran (2000, p. 45) argumenta que:

É importante mostrar aos alunos no que vamos ganhar ao longo do tempo, por que vale a pena estarmos juntos. Procurar motivá-los para aprender, para avançar, para a importância da sua participação, para o processo de aula-pesquisa e para as tecnologias que iremos utilizar, entre elas a Internet.

4.2 A Internet na Grade Curricular do Curso de Tecnologia em Marketing

Nesta pesquisa, além de analisar a forma de como os alunos do Curso de Tecnologia em Ensino Superior em Marketing utilizam-se da Internet como ferramenta pedagógica e como os professores estão mediando esta tecnologia, voltamos nossas atenções para o espaço reservado na grade curricular do Curso de Ensino Superior em Tecnologia em Marketing às tecnologias de comunicação e informação.

O quadro a seguir retrata a grade curricular do curso de Tecnologia em Marketing.

Quadro 1 - Grade Curricular do Curso de Tecnologia em Marketing

MÓDULOS	DISCIPLINAS	C.H.
Módulo 1: BASES CONCEITUAIS	Matemática e Estatística Aplicada ao Marketing	80
	Comunicação Empresarial	80
	Contabilidade Gerencial	80
	Economia Empregabilidade e Trabalho	40
	Informática Aplicada ao Marketing	40
	Marketing	80
	Carga Horária do Módulo	400
Módulo 2: ANALISTA DE VENDAS	Sistemas de Informação	80
	Venda e pós-venda	80
	Direito Comercial e do Consumidor	80
	Custo, Formação de preços e Venda.	80
	Supervisão de Equipes de Vendas	80
	Carga Horária do Módulo	400
Módulo 3: ANALISTA DE MERCADO	Planejamento de Marketing	80
	Marketing de Varejo	80
	Promoção e Vendas	80
	Técnicas de Negociação	80
	Canais de Distribuição	80
	Carga Horária do Módulo	400
Módulo 4: GESTÃO MARKETING	Pesquisa de Análise ao Marketing	80
	Pesquisa e Programas de Controle da Satisfação do Consumidor	80
	Planos e Projetos de Marketing	80
	20. Seminário de Pesquisa	80
	21. Metodologia	80
	Carga Horária do Módulo	400
	Carga horária Total do Curso	1600

Podemos observar que na grade curricular do 1º. Módulo há uma disciplina básica chamada de Informática aplicada ao Marketing, com carga horária de 40 horas mensais. Para análise transcrevemos seu conteúdo programático:

Conceitos básicos sobre informática.

Hardware x Software.

Tecnologia de hardware: processadores, memória, dispositivos de entrada e saída, rede de computadores.

Software: categorias operacionais, processadores de texto, planilhas, banco de dados, Internet.

Conhecimento básico da informática.

Gerenciamento de arquivos, pastas e subpastas.

Software Editor de Texto, Apresentação e Planilha Eletrônica.

Observamos que os conteúdos parecem ser compatíveis com a disciplina Informática aplicada ao Marketing, também as práticas educacionais da instituição caminham nessa direção. Os conteúdos são técnicos e não há conjugação com as outras disciplinas da grade curricular. Essa disciplina supre a formação no que se refere ao fazer, utilizando-se de instrumental tecnológico. Mas, sob o ponto de vista pedagógico, não observamos o aproveitamento da disciplina como requisito para desenvolvimento de pesquisas com utilização da Internet, que poderia estar ligada a outras disciplinas, gerando experiências interdisciplinares. Aliás, esse não é o propósito da disciplina.

Entendemos a importância de disciplinas relacionadas à informática que apresentem os conteúdos indicados na ementa da disciplina de Informática aplicada ao Marketing, com a justificativa de que o aluno necessita, como pré-requisito, manusear adequadamente o computador. Mas também é indispensável associar recursos tecnológicos, a Internet, como meio de pesquisa, diálogos e discussões sobre conhecimentos pertinentes à área do curso e à cidadania.

Foi apresentado também a metodologia aplicada pelo professor desta disciplina que indica a seguinte forma: “*Aulas expositivas com utilização de Data Show em laboratório com aulas práticas*”.

Percebemos que o professor da disciplina não especificou a aplicação da metodologia que irá utilizar em sala de aula, restringindo-se a informar que as aulas serão expositivas.

Em relação ao uso da Internet, temos consciência de que a escola é a instituição que deve desenvolver as situações de aprendizagem. Diante desta perspectiva, o professor será o agente que mediará o uso da Internet como meio de

pesquisa e comunicação, entretanto, sabemos que não é uma tarefa com responsabilidades individualizadas. Dada a sua importância como ferramenta de comunicação e informação, a Internet precisa ter espaço tanto na formação inicial quanto na continuada de professores. O desafio é que o professor seja um disseminador da cultura do diálogo na busca de dar significado às informações.

A pesquisa como procedimento da cultura docente é vista por Kenski (2006) como o professor se posta diante do conhecimento, não deve agir como “aquele que sabe”, mas sim, como “aquele que pesquisa”.

Para Kenski (2006), o professor é agente de valores, em construção pessoal e original, pois é um comunicador, formador de opiniões, hábitos, e atitudes. Tal comportamento deve persistir em ambientes de sala de aula virtuais para fundamentar regras de convivência, formas de ação, atitudes e comportamentos que vigoram na interação, com e entre seus alunos. Como agente de inovações, o papel do professor não será anunciar a informação, mas orientar, promover a discussão, estimular a reflexão crítica diante dos dados recolhidos nas amplas e variadas fontes.

A grade curricular analisada é claro retrato da cultura disciplinar. Um passo importante para a superação disso está no alerta sobre trabalho interdisciplinar de Carvalho e Perez (2006) que a prática se dá na escola, nos estágios dos cursos de graduação, onde os professores vão procurar estabelecer um vínculo bastante forte entre o saber e o saber fazer.

Concluindo este capítulo, verificamos que os alunos buscam a Internet quando sentem necessidade ou curiosidade. Ficou claro, também, que a Internet não é explorada pelos professores, em suas aulas, como uma fonte de informações e ágil instrumental de comunicação. Em relação à grade curricular, a informática ocupa espaço de disciplina técnica, específica ao domínio do fazer.

Percebe-se, no caso estudado, que a antiga cultura escolar se preserva. Os alunos não revelam a prática de ir além dos conteúdos ministrados pelos professores. Nesse sentido, ao falarem da Internet, em nenhum momento os discentes mencionam os professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas têm como pano de fundo a preocupação com o uso da Internet no ensino superior. A percepção de possibilidades, explicitadas por vários pesquisadores da área, gerou perguntas sobre como essa ferramenta de informação e comunicação está sendo usada por alunos do ensino superior, em atividades escolares.

A pesquisa de cunho bibliográfico evidenciou que o uso das TICs, especialmente a Internet, faz parte de mudanças culturais da sociedade, e que é provável que em um futuro próximo, com maior compreensão das potencialidades desses meios, a cultura escolar possa apoiar-se neles na busca de avanços.

Com referência à parte empírica da pesquisa, o foco centrou-se em identificar a frequência de uso da Internet no cotidiano dos alunos; em analisar as principais situações que levam o aluno à utilização da Internet para a resolução de problemas ligados à sua prática discente; verificar a opinião dos estudantes quanto à contribuição da Internet no seu aprendizado.

A difusão da Internet amplia a possibilidade de culturas de aprendizagem colaborativas e igualitárias, busca-se a liberdade na relação educador-educando, porque se pode alcançar diferentes realidades, discutir, colaborar, negociar.

As tecnologias, quando aplicadas à educação, podem alargar possibilidades de professores e alunos diante dos desafios de ensinar e aprender, das mais simples às mais sofisticadas ampliam o potencial intelectual das pessoas.

O aspecto democratizante da informática reside no acesso e na socialização de informações compartilhadas a partir de diversos ambientes. É importante a discussão sobre o impacto das tecnologias de informação em especial a Internet, voltada para a Educação como um todo.

O professor tem como responsabilidade o diálogo construtivo não objetivando somente em processar informações. Em relação ao uso dos equipamentos, com os dados extraídos das entrevistas, verificamos que o computador e a Internet estão presentes na vida dos estudantes. Todos disseram de sua familiaridade com essas tecnologias para o lazer, buscando informações acerca de assuntos de interesse pessoal, comunicando-se por *e-mails* e, principalmente,

para conversas nos *sites* de relacionamento MSN e Orkut. Nesse particular, o que chama a atenção é que existe um determinado consenso de que esses *sites* de relacionamento são mais do agrado dos adolescentes, porém, em nossa investigação, o acesso a eles pareceu não depender da idade dos sujeitos da pesquisa. Por isso os educadores podem prover seus alunos de critérios básicos para interrogar o mundo circundante, buscando a inserção em uma cultura mais crítica e preparada para escolhas. Salientamos que a idade dos entrevistados variava de 18 a 45 anos.

A utilização da Internet em situações de estudo constituiu-se no ponto central da pesquisa; o propósito com esta categoria de análise foi avaliar a inserção da Internet no contexto de ensino-estudo-aprendizagem que envolve, necessariamente, alunos e professores.

Verificamos que o uso da Internet, para coisas relacionadas à vida escolar, limita-se à busca de conteúdos para a elaboração de trabalhos propostos pelos professores; a *web* aparece, aí, como substituta da clássica enciclopédia, de livros e de revistas. Em relação a procedimentos de busca, o *site* predileto é o Google, seguido de Cadê e Yahoo.

Fica evidente a ausência da mediação docente, os sujeitos da pesquisa seguem a prática predominante fora da escola. Em situações de estudo – aprofundamento em temas escolares interessantes ou preparação para avaliações – os entrevistados não recorrem à Internet. Nesse contexto, dimensões importantes são ignoradas, por exemplo, questões éticas relevantes do ciberespaço, como invasão de privacidade e plágio.

É importante destacarmos que professores podem estabelecer projetos de docência que dêem ênfase ao trabalho com a Internet, através de lista de discussão, deixando assuntos referentes aos conteúdos aplicados em sala de aula, podendo sugerir pesquisa livre ou indicando sites específicos; pode também criar grupos de discussão “*chats*”, enfim, cabe ao professor que é o agente de mudanças, estar aberto a novas perspectivas, motivando, incentivando, estimulando e organizando com equilíbrio, credibilidade e empatia.

Decorrente dessa análise é importante ressaltar que tanto alunos quanto professores ainda se ressentem de uma melhor compreensão do leque de possibilidades para se utilizar a Internet de forma mais rica, aberta à multiplicidade de caminhos e, entre eles, alguns especializados no assunto que lhes interessa.

Outro foco de atenção foi a percepção que a IES teve da Internet quando da organização do curso. Pretendeu-se verificar se sua utilização como tecnologia de comunicação e informação despertou interesse especial. Os objetos de análise foram a grade curricular do curso e a ementa da única disciplina que se refere à informática – Informática Aplicada ao Marketing. Nos documentos citados não há menção da utilização da Internet como ferramenta de comunicação e informação.

Os resultados desta pesquisa não estão longe daquilo que muitas vezes se percebe no dia-a-dia da IES. A experiência que tive de quando os alunos me apresentavam os trabalhos é que eles não tinham cuidados prévios para estabelecer suas pesquisas, ou seja, por hábito procuravam o que parecia ser mais fácil. Essa forma era pela busca do tema a ser pesquisado em *sites* de buscas. Alguns não tinham o cuidado de, pelo menos, ler o conteúdo, o que foi corroborado depois de realizada a pesquisa. Ficou claro, também, que os entrevistados não se utilizam com frequência da Internet na resolução dos problemas práticos em sala de aula.

É importante ressaltar, também, que a maioria dos alunos utiliza-se de computadores fora de casa, ou seja, na IES ou no trabalho. Isso reflete uma possível dificuldade deles para ter acesso ao computador sem pressão de tempo e, assim, desenvolver seus trabalhos de forma mais cuidadosa.

Pudemos observar, ainda, que os alunos procuram utilizar-se da Internet de várias formas, mas as que têm caracterizado o uso maior, ainda são as salas de bate papo e a formação das comunidades. Percebemos, também, que há uma padronização na forma de utilizar a Internet, com manifestação de hábitos comuns, alheios às práticas de estudo. Então, podemos concluir que ainda falta a mediação do professor para orientar a inserção dos discentes em experiências compartilhadas de aprendizagem, apoiadas em tecnologias de comunicação e informação.

Tendo como referência as leituras que deram suporte para esta dissertação, embora tenhamos verificado problemas com relação à forma de utilização bem como a ausência de orientação para essa utilização, fica evidenciado o valor da Internet como ferramenta pedagógica, que pode contribuir sensivelmente para o desenvolvimento da educação. Talvez seja necessária uma maior compreensão em relação aos horizontes que se abrem, com a utilização da Internet,

quando se pensa em uma educação fundada no diálogo e colaboração na busca de significados.

É certo que alunos e professores são responsáveis por esta mudança cultural tão desejada. Cabe a eles buscar novas relações e criar teias para o trato das aprendizagens. Talvez os professores estejam um pouco temerosos, mas a empreitada é deles também. Existem algumas formas de trabalhar esta mudança e, com certeza, se tanto os educadores quanto os estudantes se dispuserem a desenvolver essa cultura, serão premiados na busca da informação e do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACESSO às novas tecnologias. Brasil no rumo da inclusão. Unesco, v. I, n. I, 2008.

ANDRÉ, M. E. D. A.; PASSOS, L. F. Avaliação escolar: desafios e perspectivas. *In*: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. 1.ed. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 177- 95.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CARVALHO, A. M. P.; PEREZ, D. G. O saber e o saber fazer dos professores. *In*: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. 1.ed. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 107-121.

CEBRIÁN, J. L. **Como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação**. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

DOROCINSKI, S. I. A ressignificação das tecnologias educativas. **A tecnologia exigindo uma reformulação do papel do professor**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 59-65, jul. 2001. Disponível em: <www.bomjesus.br/publicações/pdf/revista_PEC/a>. Acesso em: 04. jul. 2008.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Didática no ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, O. J. A. **Segurança Total**. São Paulo: Makron Books, 2000.

GUEDES, C. L.; ROSENTHAL, H. Desenvolvendo atividades colaborativas na escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 3, p. 423-430, set./dez. 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.(PNAD)**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home>. Acesso em: 04. jul. 2008.

KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. *In*: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a ensinar**: didática para escola fundamental e média. São Paulo: Thomson Learning, 2006. p. 95-106.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 1993.

LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. p. 11-18.

MARTIN, C. **O futuro da Internet**. São Paulo: Makron Books, 1999. p. 220.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 133-173

MILAGRES, F. G.; CATTELAN, R. G. **Exclusão digital**: aspectos e desafios. São Carlos, SP. p. 1-8, 2002. Disponível em: <www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/milagres-cattelan>. Acesso em: 4. abr. 2008.

MINAYO, M. C. de S. et. al. **Pesquisa social**. 24.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica***. Campinas-SP: Papyrus, 2000. p. 11-65.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

REEDY, J. A ética do marketing eletrônico. *In: REEDY, J.; SCHULLO, S.; ZIMMERMAN, K. **Marketing eletrônico***. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 339.

ROCHA, R. **Minidicionário Ruth Rocha**. 11.ed. São Paulo: Scipione, 2001. p. 478.

SÁ, A. L. **Ética profissional**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS FILHO, J. C. dos S.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 28.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 47.

SORJ, B; REMOLD, J. **Exclusão digital e educação no Brasil**: dentro e fora da escola. Rio de Janeiro, RJ. p. 1-20. 2003. Disponível em: <www.centroedelstein.org.br/pdf/exclusão>. Acesso em: 05. jul. 2008.

TAJRA, S. F. **Informática na educação**: novas ferramentas para o professor na atualidade. 8.ed. São Paulo: Érica, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORO, B. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <www.novaescola.abril.com.br/ed//54_ago02/html/repcapa-qdotoro>. Acesso em: 04.ab.2008